

dstnews
...is more

“UNCANNY PLACES”

VENCEDOR DA PRIMEIRA EDIÇÃO PRÉMIO INTERNACIONAL
DE FOTOGRAFIA “EMERGENTES dst”

dstrenováveis

aposta forte na internacionalização

**GRANDE
PRÉMIO DE
LITERATURA dst**

O romance “Myra”,
de Maria Velho da Costa,
vence XVI edição.

€25,5M

dst conclui
Hipermercado
Continente do Barreiro

**CONVERSANDO
COM...**

Nuno Ribeiro da Silva
presidente da
ENDESA - Portugal, s.a.



José Teixeira
presidente do conselho de administração dstgroup

EDITORIAL

Que Futuro com este Presente

Não existe equação que feche se não nos for dada toda a informação e se a informação dada não for verdadeira.

Vivemos um momento económico esquizofrénico. As informações que nos são dadas, pelo lado das causas, são mais consensuais mas também divergentes.

Do lado das soluções a guerrilha instalou-se. Temos muito de muito confuso, diverso e tão alucinante que a realidade e a verdade deixaram de ter densidade.

Mas olhemos para a realidade e para a verdade como se fossem coisas reais e verdadeiras. Recorrentemente nos dizem que gastámos mais do que o que possuíamos. É verdade. Quem gasta assim fica a dever. Quem fica a dever depende de quem emprestou. E quem empresta também tem recursos limitados e estes dependem dos depósitos e de empréstimos que também obtêm – é realidade.

Compramos empréstimos para consumir e compramos empréstimos para investir.

Vende-se dinheiro para as duas realidades.

Os bancos usam os recursos das poupanças, que remuneram a um preço inferior ao que emprestam, tanto para os empréstimos para investir como aos empréstimos para consumir. Existem diferenças de detalhe. É verdade.

Os empréstimos são bons se o investimento é reprodutivo, se gera riqueza e gera emprego e com esta riqueza paga impostos e com esta riqueza gera consumo obtido à custa do ganho do pão do dia-a-dia.

Do outro lado estão empréstimos maus – o que se empresta para consumir – que só têm uma parte boa se o que for consumido, por quem se endivida, tiver incorporação Portuguesa. Então um endivida-se mais do que a sua boa conta para consumir e ficou a dever mas alguém ficou a haver – o resultado não é de soma zero quando o que ficou do lado do haver for um bom investidor e usou o capital do endividamento alheio para investir na zona reprodutiva.

Mas existem umas outras realidades que não podemos deixar abandonadas.

É que nem todo o dinheiro do consumidor é pedido para consumir futilidades, ou nem todo o dinheiro dos empréstimos dos portugueses é para consumo de bens não essenciais, ou para investimento empresariais.

Existe dinheiro pedido para comprar Habitação e esse dinheiro é dívida boa porque é aforro. Este dinheiro desencadeia uma espiral virtuosa na economia da engenharia da construção vital para o desenvolvimento das sociedades.

Mas, a menos das nuances, pedir para consumir bens não essenciais induz a risco

elevado e, assim, como estamos no domínio do tangível e ao nível da aritmética do ensino básico, a recomendação sensata seria aconselhar os Portugueses a consumir e a amealhar uma parte do que ganham mas nunca a endividar-se para consumir mas, e profundamente importante, nunca parar de consumir e apenas poupar.

Uma atitude radical no sentido de se consumir o básico e elementar, fazendo abstinência da qualidade de vida mínima, levaria a uma economia cujo maior crescimento seria a da economia do prozac.

Poupar assim e entregar a poupança nos Bancos fará com que a economia pare – outra vez no domínio do básico – percebe-se que desde os cinemas, ao vestuário, aos restaurantes, às livrarias, etc. – tudo morreria e todos morreríamos mais tristes.

Agora o que dizem os Doutores da economia e os Nobéis.

Cada cabeça a sua sentença. Realidade e verdade são coisas de importância relativa e são diáfanas.

Os Europeus estão desorientados por que não têm sinais que os dirijam nem sinais que apontem a saída.

Sentimos estar a ser governados por governos sombra chefiados por Homens e Mulheres Europeus fraquinhos de filosofia, de pouco mundo e de vida curta.

Um governo sombra não existe fora da Caverna e a Europa não é uma Caverna.

Dêem-nos verdade e uma realidade reconhecível e gastaremos as fichas que nos sobram na construção de uma ideia segura e credível.

Precisamos de uma economia com informação verdadeira e em que todos se entendam com os referenciais que nos ensinaram desde o ensino básico. Não nos pode ser dito que tudo é ao contrário, e é verdade, se não nos identificarem o contrário que não é real.

Esta economia de gráficos e de produtos estruturados é uma economia virtual.

Esta economia é assassina.

A Europa precisa de líderes densos e de reguladores isentos.

Podem enviar-nos para um sacrifício duro mas, este Presente duro tem de ser para chegar a um Futuro em que os nossos filhos não tenham um Presente pior do que o nosso. ■



“UNCANNY PLACES”

VENCEDOR DA PRIMEIRA EDIÇÃO PRÉMIO INTERNACIONAL DE FOTOGRAFIA “EMERGENTES dst”

O grupo **dst** lançou este ano, e pela primeira vez, o prémio “Emergentes **dst**”, que visa premiar anualmente a melhor obra de fotografia a nível internacional.

O prémio é apoiado pelos “Encontros da Imagem”, uma das maiores iniciativas no campo das artes visuais em Portugal, que é também oriunda de Braga.

“Os artistas visuais possuem a capacidade de alargar os nossos horizontes e, simultaneamente, dar-nos lições de criatividade, uma característica que, hoje em dia, deverá estar na base da nossa economia”, refere o Presidente do Conselho de Administração da **dst**, José Teixeira.

Com o objectivo de promover e integrar autores portugueses em projectos internacionais, foram convidados vários curadores, directores de museus e galeristas estrangeiros, a fim de tomarem conhecimento mais próximo dos criadores nacionais, permitindo criar plataformas de circulação dos criadores portugueses.

Entre os jurados estiveram Alejandro Castellote, Curador Independente em Madrid, Antonio Vela de la Torre, Director do Centro de Fotografia de Tenerife, e Celina Lunsford, Directora do Fotografie Forum, em Frankfurt. A estes nomes juntaram-se ainda Fritz Gierstberg, Curador do Nederlands Photo Museum, em Roterdão, Ulrich Haas-Pursiainen, Director do Festival Backlight, na Finlândia, Zuzana Laptikova, Coordenadora do Festival de Bratislava, Béatrice Andrieux, Comissária de exposições e redactora da revista *Connaissance des Arts Photo* de Paris e Irene Attinger, Responsável da Biblioteca da Maison Européenne de la Photographie em Paris, entre outros.

Após a leitura crítica de portefólios, foram encontrados os vinte melhores portfolios, que integraram a exposição “Finalistas Emergentes **dst**” no Theatro Circo em Braga.

Mas foi na noite de 25 de Setembro que o Theatro Circo encheu para a cerimónia de entrega do prémio. A série de fotografias *Uncanny Places*, da autoria do fotógrafo português Virgílio Ferreira, foi eleita vencedora da 1.ª edição do prémio.

O comissário dos “Encontros da Imagem”, Rui Prata, começou por lembrar aos presentes que se comemorava a 20.ª edição do certame e foi para celebrar este aniversário que foi criado o “Prémio de Fotografia Emergentes **dst**”. Rui Prata assegurou

que “este longo percurso tem sabor a vitória depois de muito trabalho”. E deixou o convite para todos visitarem as 15 exposições espalhadas pela cidade.

A cerimónia teve para Rui Prata um sabor especial: “para que haja cultura é preciso haver dinheiro e nós tivemos a sorte de ter uma empresa bracarense que tem tido um papel exemplar nesse sentido, já que se apercebeu da importância da cultura”. Esta parceria da empresa **dst** com os “Encontros da Imagem” “veio reforçar a imagem internacional” deste certame, assegurou aquele responsável. Rui Prata deixou ainda o apelo: “o tecido empresarial tem que ter a noção da importância da cultura”.

Já o Presidente do Conselho de Administração da **dst**, José Teixeira, evidenciou o facto dos “Encontros da Imagem” fazerem “um verdadeiro acto de determinação, generosidade e responsabilidade social, conseguindo construir um evento de carácter mundial”.

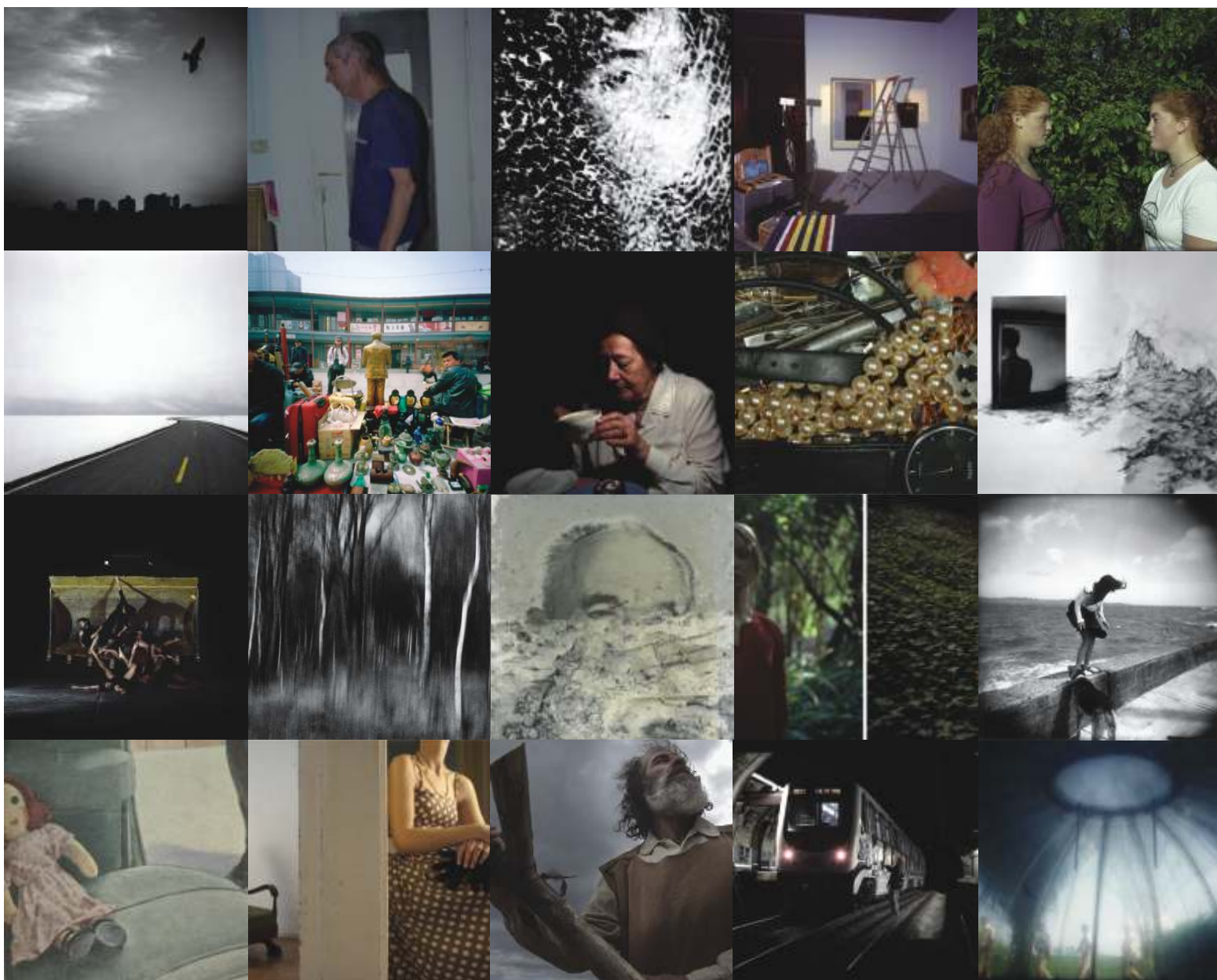
José Teixeira admitiu que “é um erro subvalorizar a cultura”, acreditando que “as Artes são indispensáveis para o desenvolvimento económico”. E questionou: “A cultura pode salvar a economia? A economia é fundada no conhecimento e nos países mais desenvolvidos aposta-se na criatividade e na imaginação”.

Mas este responsável da **dst** foi mais longe: “a economia devia falar de cultura. Uma empresa bronca será sempre uma empresa bronca e um país bronco será sempre um país bronco se não apostar na cultura, porque a arte é a melhor forma de perceber o mundo”. A **dst**, acrescentou José Teixeira, trabalha há muitos anos nesse sentido.

“Somos uma empresa culta. Oferecemos livros no dia de aniversário às crianças das escolas do concelho e aos nossos funcionários, ajudamos grupos de teatro, patrocinamos um prémio de literatura, apostamos na formação dos nossos trabalhadores, apoiamos a feira do livro e financiamos doutoramentos. Mesmo assim não chega, esta procura pela cultura exige sempre mais, sempre adições permanentes”.

Sobre o prémio de fotografia internacional, o Presidente do grupo admitiu que “foi uma graça e mais uma coisa feliz que aconteceu”.

Nesta primeira edição, a organização recebeu mais de duas mil imagens das quais o



júri pré-seleccionou os 70 autores. Destes, cerca de metade são portugueses e os restantes provêm principalmente de Espanha, Grécia, Itália e França.

Para além do primeiro prémio, que arrecadou mais de 7 500 euros, foi atribuído o segundo lugar à série *In between*, de Stéphane C., e o terceiro lugar a *Sterbebuch*, de Rui Vilela. Após o anúncio do nome do vencedor, Virgílio Ferreira manifestou-se completamente surpreendido com a decisão, salientando que “com um painel de fotógrafos tão forte e internacional não estava à espera de ganhar”. No final da cerimónia, e já “recomposto” da surpresa, Virgílio Ferreira contou que este portfólio é uma continuidade do trabalho e do investimento na carreira artística, sobretudo nos últimos anos. De acordo com o vencedor, *Uncanny Places* “é um projecto que assenta na ambiguidade expressiva de certas imagens. No diálogo entre mim e o mundo exterior, como motor está presente um questionamento sobre a complexidade do mundo. E é a partir de pólos opostos, magia e lógica, racionalidade e irracionalidade que eu pretendo trabalhar. Considero que algumas destas imagens parecem estabelecer uma relação com uma espécie de arquivo obscuro das nossas memórias inconscientes”.

Para Virgílio Ferreira, *Uncanny Places* “potencia distintas trajetórias que inter-relacionam acções práticas e simbólicas, que podem ter uma pluralidade de matrizes e de significantes, - espanto, medo, memória, ilusão, mito, fantasia - e que visualmente procuro criar. É de uma forma aleatória mas intuitiva que, desprovido de bússola, percorro lugares aparentemente comuns. Esta deliberada desorientação a que me submeto potencia encontros com momentos de serendipidade. Deste modo, num espaço muito curto de tempo efectua-se uma dupla exposição na mesma imagem, do mesmo acontecimento. Intencionalmente isto cria uma noção de continuidade entre o aqui e o ali, onde dois tempos se sobrepõem no mesmo lugar. A presença

dessas duas camadas físicas e temporais na mesma imagem diluem-se em luzes diáfanas e atmosferas etéreas, este efeito contraria o habitual fluxo da percepção”.

Este trabalho está a ser desenvolvido por várias cidades da Europa, EUA, China, Rússia. Tem sido um trabalho vasto de pesquisa, investigação e dedicação no processo criativo, que já implicou muitas viagens e estadias longas em diferentes sítios, desde ao local mais estranho da Sibéria aos grandes centros de cidades.

Virgílio Ferreira que começou a carreira com a participação nos “Encontros da Imagem”, em 1998, assegurou que sempre procurou nos seus projectos seguir uma linha muito específica: “Procuo vincar-me quer pela forma como capto a luz, quer pela temática, quer por todo o processo fotográfico desde o técnico ao estético e conceptual. Tento fazer um trabalho único e com personalidade muito própria e que já é identificado há uns anos”.

As obras finalistas integraram ainda a exposição nuclear dos Encontros da Imagem, que esteve patente no Mosteiro de Tibães de 02 a 31 de Outubro.

A **dst** felicita a todos os candidatos ao prémio Emergentes **dst**, sem os quais este evento não teria sido tão brilhante.

Finalistas por Ordem Alfabética:

Ana Janeiro; Annamaria Belloni; Anne-Lise Broyer; Brigitte Grignet; Burkhard Schittny; Carlo Bevilacqua; Chiara Rame; Conchi Martínez Jiménez; Haris Kakarouhas; Helena Gonçalves; Jaime Mirales; Manuel Capurso; Pascale Peyret; Pavlos Fysakis; Rodrigo Bettencourt da Câmara; Rui Vilela; Stéphane Charpentier; Vangelis Georgas e Vittorio Mortarotti. ■

Para ver algumas das fotos dos finalistas, visite: <http://encontrosdaimagem.com/pt/festival/emergentes-dst/finalists#janeiro>



Em dia da República, alunos de Palmeira passam a receber livros no aniversário

Os alunos dos Agrupamentos de Escolas de Nogueira, Lamações e Palmeira, no distrito de Braga, vão receber um livro no dia do seu aniversário, numa iniciativa do grupo **dst** que pretende fomentar o gosto pela leitura junto dos mais novos.

Esta acção começou a ser implementada no final do ano passado, abrange quase cinco mil alunos e exige à empresa um investimento de cerca de 15 mil euros.

O Agrupamento de Escolas de Palmeira foi o último a aderir à iniciativa, numa cerimónia realizada em Outubro, nas suas instalações, que contou também com várias actividades que assinalaram o centenário da República. Esta cerimónia contou com a presença das vereadoras da Educação e da Cultura, do Director do Agrupamento de Lamações, de Presidentes de Junta do Agrupamento, dos representantes da Associações de Pais e de outras individualidades.

Na assinatura deste protocolo, José Teixeira, Presidente do Conselho de administração do grupo **dst**, enfatizou “esta determinação” no apoio à leitura. Com este protocolo, os 1553 alunos do Agrupamento de Palmeira vão passar a receber no seu dia de aniversário um livro. “Em troca do livro só exigimos duas coisas: que se cantem os ‘Parabéns’ ao aniversariante e que o aluno faça depois uma ficha de leitura do livro e que ela conte para a nota de português”, realçou José Teixeira, que mais uma vez fez questão de marcar presença pessoalmente na assinatura de um protocolo deste género.

Recorde-se que a **dst** já tem protocolos semelhantes com os Agrupamentos de Nogueira e de Lamações, numa acção que começou a ser implantada no final do ano passado e que chega já a quase cinco mil alunos. Esta missão de promover o gosto

pela leitura representa um investimento na ordem dos 15 mil euros para o grupo.

Para além da oferta de um livro no dia do aniversário de cada aluno, o apoio do Grupo **dst** às escolas públicas abrange outras iniciativas, como a criação de prémios de mérito e a oferta de vestuário desportivo, que implicam um investimento de outros 12 mil euros (totalizando um apoio de cerca de 27 mil euros).

No caso concreto do protocolo agora firmado com o Agrupamento de Palmeira, José Teixeira confessou que “tem um significado especial”. Isto porque é em Palmeira que a **dst** tem o seu parque empresarial, a sua sede e a pedreira. “Temos de deixar parte da riqueza que produzimos onde ela é construída”, referiu o empresário para quem “a leitura é o começo de tudo”, referiu, rematando: “Mais do que procurar as causas das coisas más que estão a acontecer devemos apostar em formar melhor as gerações para construirmos uma geração melhor do que esta que causou esta turbulência”.

Já o director do Agrupamento de Escolas de Palmeira, José Antunes, aproveitou a ocasião para agradecer publicamente à **dst** por “se mostrar sempre disponível para ajudar a escola”. Entre os diversos apoios que a **dst** concedeu ao agrupamento está, por exemplo, um quiosque multimédia.

Recorde-se que o grupo **dst** tem vindo a desenvolver um apoio contínuo à promoção da leitura no nosso país, através do patrocínio da Feira do Livro de Braga, da oferta de livros a várias escolas e associações e da entrega de um Prémio de Literatura, de âmbito nacional, no valor de 15 mil euros, entre outras acções. ■

dstrenováveis

aposta forte na internacionalização

Atenta aos sinais de novas economias, de novas oportunidades de negócio e de novas geografias, a **dst** renováveis está prepara a entrada no mercado Norte-americano, Africano e Asiático.

A **dst** está a concorrer a um projecto de €50M na área das energias renováveis nos EUA, um mercado que a empresa considera estratégico dados os incentivos criados pela Administração Obama - que permitem obter financiamentos na ordem dos 70% - e a reputação das empresas portuguesas que operam neste sector.

A empresa concorre à construção de várias centrais fotovoltaicas em quatro estados norte-americanos (Nova Iorque, Nova Jersey, Connecticut e Pensilvânia), as quais representarão a instalação de 5MW até ao final de 2011 e outros 15MW até 2013, o suficiente para fornecer energia a três mil lares.

“Portugal é visto a partir do mundo e também do mundo mais competitivo – a partir dos EUA - como um País competitivo e inovador no que toca a energias renováveis.

Os EUA possuem um vasto programa de investimento no sector das energias limpas. Esta decisão estratégica, da administração Obama, é também uma oportunidade para as empresas portuguesas e uma solução para a transacção de um *know-how* de ponta Português”, refere Margarida Monteiro, *General Manager* da **dst** renováveis.

Com este projecto, a **dst** renováveis quer abrir portas no mercado americano e poderá aumentar a sua facturação, face ao ano passado, em 650% e ultrapassando os €20M até 2013.

No prazo de cinco anos, a empresa espera que os EUA venham a representar 50% do seu negócio. O restante deverá ser dividida entre o mercado português (20%) e outros mercados (30%), onde se destacam a China, África do Sul e Moçambique.

Mercado Sul-Africano

No mercado Africano, a **dst** renováveis está a montar uma operação de internacionalização na República Sul-Africana (RSA), Moçambique e restante região da *Southern African Development Community* (SADC). Para o efeito realizou uma parceria estratégica com o *Whatana Investment Group*, liderado por Graça Machel, com o objectivo de transformar os desafios emergentes que estas regiões enfrentam em oportunidades que possam trazer crescimento e desenvolvimento económico.

Toda a operação assenta na transferência de conhecimento e inovação adquirido pelo Grupo na fileira das energias renováveis associada à escolha de parceiros locais sólidos, fortemente implantados com o objectivo de alavancar a médio prazo, processos de desenvolvimento, crescimento e animação económica empresarial e local.

A estratégia do Grupo para esta zona geográfica passa indiscutivelmente pelo desenvolvimento e contratualização de projectos no sector da energia solar, eólica, hídrica e eficiência energética. “A lógica de fileira/*cluster* é o instrumento preferencial para a concepção, construção e exploração dos nossos projectos de energia renovável.

Pretendemos também promover, porque faz parte do nosso ADN e *footprint* empresarial, iniciativas de desenvolvimento sustentável, de responsabilidade social e *empowerment* local”, refere a mesma responsável.

Actualmente a **dst** renováveis possui um *front-office* em Joanesburgo e Maputo e, está na recta final de concretização dos seus primeiros contratos no domínio da

eficiência energética, contando na sua carteira de clientes com grandes grupos económicos do sector industrial, dos serviços e comercial.

Para os restantes sectores, a **dst** renováveis está a acompanhar de perto as várias políticas energéticas em discussão no sentido de tirar partido da sua *expertise*, do seu posicionamento e dos seus parceiros. A RSA está a preparar a sua estratégia nacional, com vista ao cumprimento dos Acordos de Copenhaga, que visa reduzir as emissões em 34% desde o nível *business as usual* até 2020, 42% até 2025 e 15% da energia gerada ter como proveniência uma fonte renovável.

Mercado Asiático

A entrada no mercado asiático iniciou-se através da participação da **dst** renováveis na Expo Shanghai, oportunidade em que o grupo **dst** (especificamente a **dst** renováveis e a Luságua) se deu a conhecer, no Centro de Negócios do pavilhão de Portugal, a vários investidores chineses, sendo alguns deles representantes governamentais.

Desta apresentação resultou um projecto de consultoria e apoio, na fase de execução, de uma central fotovoltaica de 5MW sobre uma lixeira selada (8 hectares), propriedade da maior empresa chinesa de gestão de resíduos para o distrito de Shanghai.

Este trabalho será executado em parceria entre a **dst** solar, (empresa participada da **dst** renováveis) e a Luságua (empresa participada da Aquapor), já que o *know-how* do projecto é detido por ambas, exigindo *expertise* na área da gestão de resíduos e solos contaminados e também na área da produção de energia através do sol como fonte renovável.

Além da China, a **dst** renováveis reconhece Singapura, a par da Malásia e Indonésia, como um mercado emergente e o centro estratégico para o investimento em energias renováveis no continente asiático.

Enquanto que os vários países asiáticos têm área disponível para produção de energia verde, em Singapura a área disponível limita-se ao topo e fachadas dos edifícios. O grande investimento governamental será na mobilidade eléctrica: no prazo de dez anos, todos os transportes públicos (autocarros e táxis) deverão ser eléctricos.

“O plano estratégico de Singapura no que respeita à redução das emissões de CO₂ passa pela eficiência energética de edifícios públicos, transportes e habitações sendo que a **dst** renováveis possui capacidade técnica e financeira para alavancar projectos nestas áreas”, refere Margarida Monteiro.

O convite para participar na Clean Energy Expo Asia 2010 Conference, a 3 de Novembro em Singapura, posiciona a **dst** renováveis no topo dos maiores investidores nacionais.

Em Portugal, a **dst** renováveis já instalou cerca de 2MW em projectos de microgeração e é a maior instaladora de centrais fotovoltaicas cujos promotores são Instituições Privadas de Solidariedade Social, com cerca de 1 MW de capacidade instalada.

No âmbito da eficiência energética, a **dst** renováveis tem vindo a colaborar com várias instituições públicas e privadas, de forma a que as mesmas possam obter os respectivos certificados energéticos, um processo que passa pela auditoria energética ao edifício, com levantamento de necessidades, análise de resultados e proposta de intervenção. ■

25 500 000€

dst conclui Continente do Barreiro

A **dst** concluiu recentemente a construção de um hipermercado Continente no Barreiro, no valor de 25,5 milhões de euros, que integra o primeiro centro comercial construído pelo grupo e foi inaugurado a 23 de Novembro.

Este projecto resulta de uma parceria estabelecida com a Sonae, que tem permitido à **dst** construir várias infra-estruturas para o grupo nortenho, como os supermercados Modelo de Pombal e Montelavar (Sintra), inaugurados este ano, assim como da Lixa Peso e do Peso da Régua, inaugurados já no ano passado.

O espaço construído no Barreiro possui 30 000 m² e, para além do Continente, engloba outras insígnias, a maior parte também do universo Sonae: Worten, Modalfa, Bom Bocado, Wells – Espaço saúde, Geostar, 5 a SEC e ainda uma óptica.

A obra, com 20 mil metros quadrados de arruamentos e arranjos exteriores envolven-

tes, reuniu sinergias operacionais de várias empresas do grupo **dst** (**tgeotecnia**, **bysteel**, **dte** e **tmodular**), responsáveis, entre outros aspectos, pela movimentação geral de terras, geotecnia – fundações indirectas, estrutura de betão armado, arquitectura e acabamentos, especialidades técnicas e instalações especiais.

“Esta parceria resulta da confiança que a Sonae deposita na capacidade técnica e financeira da **dst** e que nos tem permitido implementar projectos chave na mão, realizados com recurso às diferentes competências das várias empresas do grupo, como é o caso deste centro comercial, construído inteiramente por nós”, refere José Teixeira, presidente do Conselho de Administração do grupo **dst**.

No total, as obras realizadas para o grupo liderado por Paulo Azevedo já valeram à **dst** mais de 52,5 milhões de euros, só em 2010. ■

CONTINENTE



AQUAPOR

entra na gestão das Águas de Santarém

A Aquapor e o Grupo Pragosa, constituíram a empresa AquaScalabis, que adquiriu, através de concurso público, 49% das Águas de Santarém, E.M. por €15,3M, num contrato de compra e venda, assinado em meados de Novembro com a Câmara Municipal de Santarém.

Durante os próximos 30 anos, a Águas de Santarém vai investir 56 milhões de euros, mas será nos primeiros 3 anos que vai incidir o grande esforço do investimento, pois quase 90% daquele valor será realizado até 2013:

·Abastecimento de Água: €8,3M

·Saneamento de Águas Residuais: €38M

·Outros investimentos: €3,9M

“É uma aposta ambiciosa numa parceria entre o município e os accionistas da AquaScalabis e que se pretende que seja um sucesso”, refere José Teixeira,

presidente da Aquapor.

Apesar da alienação de capital por parte do município, que encaixa €15,3M, o consórcio entende que tanto a Câmara Municipal de Santarém como as Juntas de Freguesia, serão entidades determinantes para o bom funcionamento do sector e irão continuar a controlar o serviço público prestado, até porque a autarquia controlará sempre a empresa com os seus 51%.

Para José Teixeira, estão assim defendidos os interesses públicos, a defesa dos consumidores e a qualidade do serviço prestado.

“Em nome da AquaScalabis, tudo faremos para estar à altura das expectativas de todos os intervenientes neste projecto, onde iremos também nós apostar, sobretudo com forte investimento na qualidade e nível de serviço de abastecimento de água e saneamento”, conclui aquele responsável. ■



“MYRA”

Obra vencedora Grande Prémio de Literatura 2010

O romance *Myra*, da escritora Maria Velho da Costa, é o vencedor da XVI edição do Grande Prémio de Literatura entregue pelo grupo **dst**.

O prémio, no valor de 15 mil euros, será entregue à autora na abertura da próxima Feira do Livro de Braga, a 30 de Abril de 2011, no Parque de Exposições de Braga.

A obra da autora, que também é Prémio Camões 2002, conta a história de amor entre uma menina russa nas ruas da Costa da Caparica, Myra, e um cão que encontra gravemente ferido, Rambo, e foi distinguida pelo júri entre as 76 que se encontravam a concurso.

“Destacou-se pelas dimensões estruturais e problematizadoras de uma narrativa que conjuga, nos diferentes planos, a análise do real em perda num tempo aberto à complexidade dos mundos, e, de forma peculiar uma mundividência decadentista ocidental, ancorada e inscrita no que somos enquanto homens do tumulto e da incerteza”, refere Vítor Aguiar e Silva, presidente do júri.

José Manuel Mendes, que conta com cerca de 30 livros publicados, e Carlos Mendes de Sousa, professor de literatura brasileira na Universidade do Minho, foram os outros dois jurados.

Recorde-se que o Grande Prémio de Literatura **dst** é promovido anualmente e tem como objectivo distinguir a melhor obra nacional publicada no biénio anterior, alternando anualmente entre obras escritas em prosa e poesia.

Apesar das áreas em que opera, como construção civil, obras públicas, ambiente, energias alternativas e inovação tecnológica, o grupo **dst** tem acompanhado o seu crescimento com uma aposta cada vez mais forte no apoio e promoção da cultura portuguesa.

Para além de entregar o Grande Prémio de Literatura há já 16 anos, a empresa patrocina anualmente a Feira do Livro de Braga e estabeleceu protocolos com vários Agrupamentos de Escolas, com o objectivo de promover a leitura através da oferta de um livro no aniversário de cada aluno, entre muitas outras iniciativas.

A vencedora, Maria Velho da Costa (n. 1938), é licenciada em Filologia Germânica pela Universidade de Lisboa e tem o curso de Grupo-Análise da Sociedade Portuguesa de Neurologia e Psiquiatria. Foi leitora do King's College, em Londres, Presidente da Associação Portuguesa de Escritores e adida cultural em Cabo Verde. Ficcionista, ensaísta e dramaturga é co-autora com Maria Isabel Barreno e Maria

Teresa Horta de “Novas Cartas Portuguesas”, um livro que se tornou um marco no nosso país pela abordagem da situação das mulheres nas sociedades contemporâneas e que viria a ser apreendido pela polícia política do antigo regime. A sua escrita situa-se numa linha de experimentalismo linguístico que viria a renovar a literatura portuguesa nos anos 60 e, como afirmou Eduardo Lourenço, é “de um virtuosismo sem exemplo entre nós”.

“Myra” começou por ser uma história contada por Maria Velho da Costa ao neto Afonso, “uma história de amor entre duas criaturas ferozes”.

Myra é simultaneamente o nome do romance e o da sua protagonista. Ela é uma menina russa, acabada de entrar na puberdade, que vive dias de angústia e maus-tratos na Costa da Caparica. O olhar do leitor encontra-a numa praia desolada, ao fim da tarde, sob um céu opressivo e premonitório da trajectória trágica que a personagem cumprirá.

A jovem encontra-se perto do mar e sob a chuva, dois elementos presentes e muito importantes ao longo de toda a obra. Para a protagonista, o Oceano Atlântico representa a atracção do abismo, a tentação do suicídio, ao passo que o mar Mediterrâneo simboliza o caminho de regresso a casa e à avó querida.

O leitor começa a acompanhar a luta que esta menina rota e maltrapilha travará contra o mal, contra a morte. Um combate desigual e, por isso mesmo, perdido. Com o pensamento no Leste, na avó com quem mendigava pelas igrejas de Moscovo, esta filha de emigrantes de Leste procura um caminho que a leve para Sul, para longe das sevícias dos pais e, quase como se de um instinto animal se tratasse, busca a trilha que a aproxime de casa, da Mãe Rússia.

Myra é uma criatura feroz, porquanto fora espoliada do amor e da esperança, da segurança que esses sentimentos lhe poderiam trazer. Apenas lhe restava o medo, como arma de defesa e arremesso. Não teria sido a primeira vez que Myra saía do “semi-bordel da Caparica” procurando, porventura, uma possibilidade de fuga.

Mas, nesse dia, atravessa-se no seu caminho, Rambo, um Pit Bull Terrier que, tal como ela, se encontra entre margens: a vida e a morte. Exausto e gravemente ferido, o cão é deixado por dois marginais no barracão onde Myra se havia abrigado da chuva. O encontro entre as duas criaturas dá-se e não mais se há-de desfazer. Myra identifica no cão a sua alma gémea – “Fomos feitos um para o outro, Rambo.” ■

Ministra do Ambiente entrega

Prémio de Qualidade à Águas do Vouga

A qualidade da água que abastece a região de Aveiro foi recentemente premiada pela Entidade Reguladora dos Serviços de Águas e Resíduos (ERSAR), numa cerimónia realizada no passado dia 20, no Centro Cultural de Belém, durante a quinta edição da feira ExpoÁgua.

O prémio foi entregue pela Ministra do Ambiente à empresa concessionária Águas do Vouga, detida a 100% pela Aquapor, empresa do grupo **dst**, que é também aquela que possui a água com melhor consistência, qualidade e o preço de venda às Câmaras mais baixo em todo o país.

Segundo o júri, o prémio foi justificado pelo “cumprimento integral da frequência regulamentar de análise dos últimos cinco anos, assim como pelo cumprimento excelente dos valores paramétricos nos últimos três anos, respectivamente de 100%, 99,83% e 99,83%”.

O júri salientou também o desempenho da empresa ao nível da gestão do sistema de abastecimento de água urbana, que diariamente fornece cerca de 24 mil milhões de litros de água.

Para Fausto Oliveira, Administrador da Águas do Vouga, “esta distinção vem corroborar a qualidade do serviço que há 14 anos a empresa Águas do Vouga e o Sistema Regional do Carveiro têm vindo a prestar à população da região”.

Refira-se que a ERSAR conta com o apoio de várias entidades na atribuição destes prémios anuais, nomeadamente a Associação Portuguesa de Distribuição e Drenagem de Águas, a Associação Portuguesa de Engenharia Sanitária e Ambiental, a Associação Portuguesa dos Recursos Hídricos, o Laboratório Nacional de Engenharia Civil e o jornal Água&Ambiente. ■



Melhorar a relação com os vários departamentos e fomentar o espírito de equipa foi o mote para, Martinho da Purificação Fernandes, colaborador da **dst** desde 1995, e restantes colegas manobreadores, resolverem por mãos à obra e dar início ao projecto de uma Associação de Condutores Manobreadores da **dst**.

Apesar da ideia ter surgido no ano passado, foi necessário maturar os objectivos e perceber a eventual adesão dos colegas pelo que, só no início deste ano a Associação começou a sua actividade. Actualmente possui cerca de quarenta sócios inscritos que, mediante uma cota mensal, ficam com direito a vestuário personalizado, acesso aos convívios organizados e, acima de tudo, com direito à defesa dos seus direitos e responsabilidades dentro do grupo **dst**.

Esta Associação de Condutores Manobreadores conta, desde o início, com o apoio da administração do grupo **dst** que reforça a importância da boa relação entre os vários

intervenientes em obra e acredita que, com esforço de todos os associados, resultarão melhores condições no cumprimento dos direitos e deveres dos colaboradores.

“Gostaria de realçar que a **dst**, em todos os seus anos de existência, tem agora, orgulhosamente, a primeira associação de trabalhadores. Somos pioneiros e é um grande mérito e motivo de orgulho esta organização e representação da nossa classe”, refere Martinho.

“É com muito agrado que, em nome dos sócios, agradeço à administração do grupo, todo o apoio e apreço que nos têm transmitido” acrescenta este responsável.

A Associação organizou já um encontro de sócios e amigos e está a preparar mais uma iniciativa para o próximo dia 27 de Novembro, altura em que celebra o seu primeiro aniversário. ■

HABITAT

A Associação Humanitária Habitat continua a promover a melhoria das condições de vida de famílias carenciadas. Nos meses de Setembro e Outubro concluiu mais dois projectos, um em Vilarinho – Vila Verde e outro em Bustelo – Amarante, perfazendo um total de 38 famílias apoiadas.

A construção da casa da família Cerqueira (em Vilarinho – Vila Verde) iniciou-se em Fevereiro de 2010 e durante os 7 meses que durou este projecto, contou com a ajuda de cerca de 300 voluntários (nacionais e internacionais) e com o apoio da **dst**.

A família em causa é constituída por quatro pessoas que viviam numa casa emprestada por familiares, exígua e com vários problemas estruturais. Além destas condicionantes, a família teria que abandonar a casa até ao fim do ano.

Apesar dos vários obstáculos que foram aparecendo, esta família terá agora condições de passar um Natal mais feliz na sua nova casa.

Em Setembro iniciou um novo desafio: a construção de uma casa para uma família carenciada de Gomide, uma freguesia do concelho de Vila Verde.

A família Gonçalves é constituída por 4 elementos: Maria de Fátima (35), José (41), Emanuel (16) e Cláudia (15). Fátima é doméstica e o José está reformado por invalidez após ter sofrido um acidente de trabalho; o Emanuel está na escola secundária enquanto a Cláudia frequenta a APCB visto sofrer de paralisia cerebral. Esta família habita actualmente numa barraca com cerca de 40m², com apenas duas divisões extremamente reduzidas e separadas fisicamente.

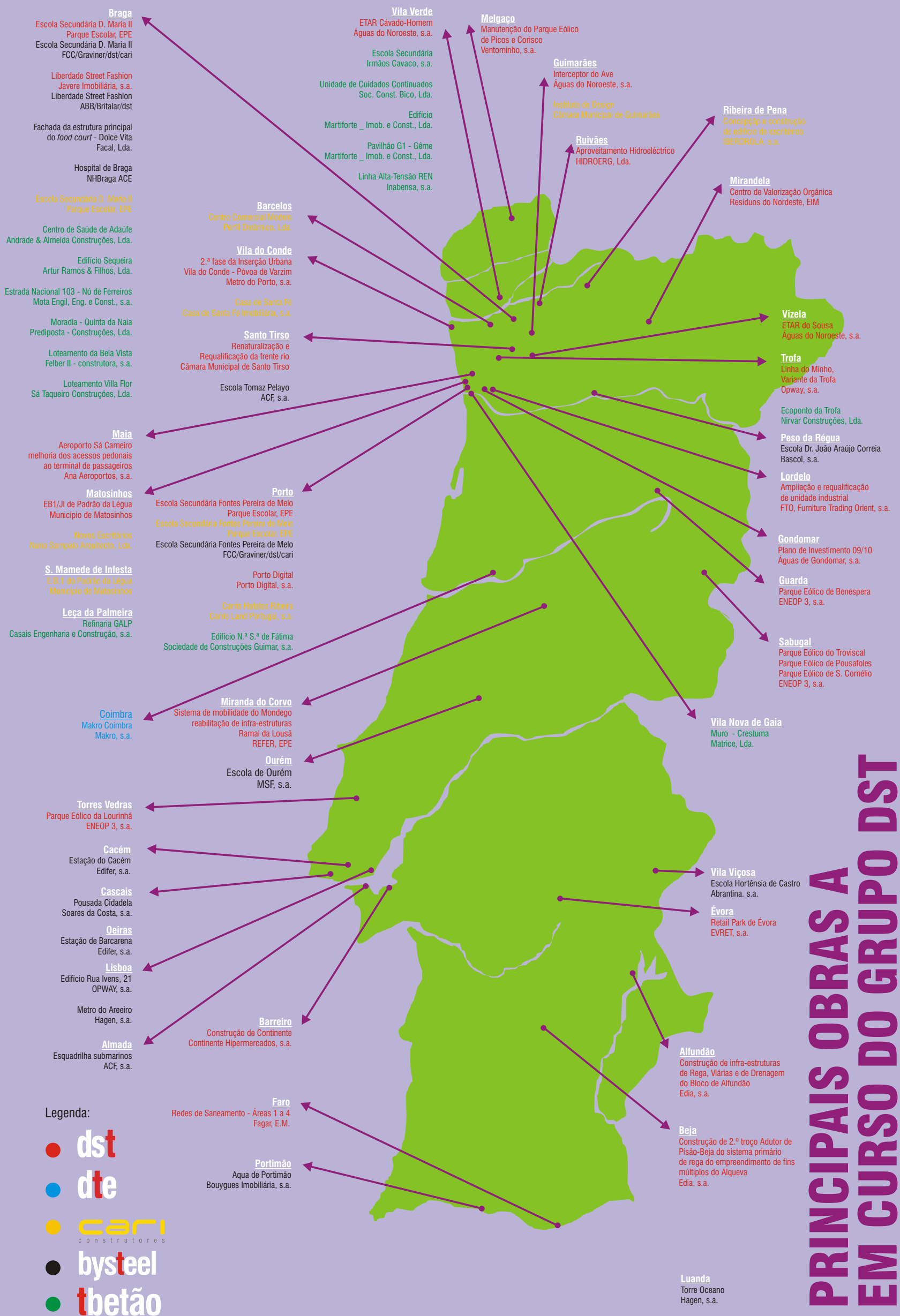
Numa divisão encontra-se a cozinha junto da casa de banho e na outra o quarto que é partilhado pelos 4 elementos. A Habitat tomou conhecimento desta situação o ano passado através dos serviços sociais do Município de Vila Verde, mas nada pôde fazer na altura já que a família possuía um terreno, doado por um amigo da terra. Contudo, como o terreno se encontrava em zona de reserva agrícola, não foi nem será possível nele construir. Em Fevereiro deste ano, e tendo em conta a urgência desta família viver numa casa digna que proporcionasse as mínimas condições de conforto e saúde à Cláudia, uma habitante local doou uma pequena parcela de terreno à família.

Este projecto irá contar com o apoio da Câmara Municipal de Vila Verde e da **dst**, entre outras empresas.

Os trabalhos iniciais foram realizados por uma equipa de 13 voluntários internacionais oriundos dos E.U.A., Canadá e Austrália, que veio para Portugal através do programa Global Village da Habitat for Humanity, programa este no qual um grupo de voluntários se desloca a determinado país para ajudar na construção de uma ou mais casas para famílias carenciadas.

Relembramos que a Associação Habitat está instalada em Braga desde 1996 e tem vindo a construir ou reparar casas para famílias carenciadas dos concelhos de Braga, Barcelos, Póvoa de Lanhoso e Vieira do Minho. O trabalho desta organização internacional fundada em 1976 nos Estados Unidos, já ajudou mais de cem pessoas do distrito que passaram a ter um lar mais seguro e confortável. ■





Legenda:

- dst
- dte
- cari construtores
- bysteel
- tbetão

PRINCIPAIS OBRAS A EM CURSO DO GRUPO DST

a listagem de obras não inclui aquelas cujos donos de obra são empresas do grupo dst

Reconstrução das Urgências do Hospital Conde de Bertiandos em Ponte de Lima

A empresa do grupo **dst**, cari construtores s.a. concluiu a reconstrução das Urgências do Hospital Conde de Bertiandos, em Ponte de Lima.

Como resposta às novas exigências e necessidades da Unidade Local de Saúde do Alto Minho (ULSAM), surgiu um plano de modelação e ampliação do edifício existente, no sentido de tornar este equipamento mais moderno, acolhedor e capaz de dar uma resposta mais eficiente aos seus utentes. A antiga urgência funcionava num espaço do edifício com enormes necessidades em termos funcionais, de espaço e de infra-estruturas. A entrada principal do hospital necessitava de remodelação, apresentando-se desorganizada e com problemas relacionados com o pé-direito livre. O projecto de arquitectura foi da autoria do gabinete "Pormin - Trabalhos de Arquitectura e Engenharia Lda."

A intervenção realizada dividiu-se em três partes distintas: a remodelação do átrio principal; a demolição e reconstrução de um novo serviço de urgências e arranjos exteriores, compatibilizando o existente com a nova construção.

A remodelação do átrio principal contemplou a demolição da laje de tecto existente e consequente, o aumento do pé-direito. Através de um sistema de galerias efectuadas com recurso a passadiços metálicos e gessos cartonados, conseguiu-se favorecer o nível superior com acessos técnicos que servirão também de passagem para a cobertura, local onde se instalou um parque de máquinas.

No edifício das Urgências, foram desenvolvidas duas entradas distintas: uma para casos urgentes que têm entrada directa para a sala de emergência, onde se localiza uma antecâmara, e outra com acesso ao espaço de recepção e atendimento, sendo os casos urgentes sujeitos a uma triagem que, em função da prioridade, poderão transitar directamente para local de sub espera. No interior das urgências, houve uma preocupação arquitectónica em dotar o espaço de condições reconfortantes e acolhedoras, efectuando para o efeito, por exemplo, um enorme aproveitamento da luz solar directa, um espaço dedicado apenas a crianças e um espaço para descanso e lazer dos profissionais de saúde.

Nos arranjos exteriores houve necessidade de compatibilizar os arruamentos exis-

tentes dentro do recinto hospitalar com a nova arquitectura, destacando-se a montagem de uma pala que abriga o acesso ao Edifício das Urgências e que se desenvolve na cobertura do mesmo, criando uma zona técnica.

Nesta empreitada, e tendo em consideração a especificidade de cada serviço em cada espaço, existiram várias especialidades técnicas e exclusivas, além de ter sido necessário a compatibilização com várias infra-estruturas já existentes nos restantes edifícios do hospital.

Cada compartimento foi tratado de uma forma distinta em virtude da sua futura utilização e das premissas normativas, obrigando assim a uma proximidade e compatibilização sucessiva das várias especialidades. Das várias especialidades contempladas nesta empreitada destacam-se: - a rede de gases medicinais, tendo sido necessário efectuar a interligação das novas redes com as centrais existentes, salvaguardando sempre o fornecimento de oxigénio, vácuo e ar; - o transporte pneumático, sistema que não existia em nenhuma parte do hospital e que foi instalado permitindo ligar vários pontos, salvaguardando sempre a continuidade de funcionamento em todas as unidades; - os circuitos de aquecimento e de arrefecimento, efectuados com o recurso a um novo chiller (arrefecimento), e interligação das novas redes à central térmica existente (aquecimento) que se manteve sempre em funcionamento; - a rede de água quente que, através da central térmica, fechava o circuito em toda a unidade; - a insuflação e exaustão de ar através da instalação de duas UTAN 's, uma delas dedicada ao quarto de isolamento com garantia de pressões negativas no seu interior; - o conjunto de infra-estruturas eléctricas, de telecomunicações, de vídeo e segurança, executadas e colocadas operacionais, salvaguardando sempre a ligação desta unidade ao Hospital de Santa Luzia (Viana do Castelo), através de uma rede de fibra óptica sempre operacional.

Na execução desta obra participaram diversas empresas do grupo **dst**, como é o caso da **cari construtores** (empreiteiro geral), **dte** (empreitada de AVAC e electricidade), **tmodular** (carpintaria e revestimento de fachadas) e **bysteel** (estrutura metálica). ■



Escola EB1 Quinta do Vieira – Custóias

A **cari** construtores s.a. concluiu também a empreitada de “Construção de Escola EB1 Quinta do Vieira – Custóias.

O edifício está implantado no seio de um aglomerado habitacional, denominado “Quinta do Vieira”, entre edifícios de habitação unifamiliar e multifamiliar, num espaço de forma trapezoidal com área total de cerca de 13.000 m², situado no concelho de Matosinhos.

O Projecto, com autoria do Arq. Luís Ferreira Rodrigues, contempla um edifício escolar com área de implantação de 2.400 m² e área total de edificação de 3.200 m², projectado para receber 195 alunos, mais 50 para acoplar as salas do jardim-de-infância. O edifício distribui-se pelo movimento de dois corpos horizontais, interligados entre eles pelo espaço amplo /vazio designado “Sala Polivalente” que se implanta a uma cota inferior e estabelece-se com todo o sistema de percursos no exterior da escola. Um destes corpos, o menor, desenvolve-se em dois pisos sendo rematado numa das extremidades pela biblioteca. O edifício, é munido de 10 salas de aulas, 2 salas de jardim-de-infância, biblioteca, instalações sanitárias para alunos, professores, auxiliares e de serviços a deficientes motores, gabinetes, sala de professores, cozinha devidamente equipada para confeccionar refeições, arrecadações, dispensas, sala de refeições e sala polivalente. Toda a envolvente exterior, é distribuída com passeios, sendo os mesmos de acesso à entrada principal, recreio coberto e envolvente ao campo de jogos. Estes são construídos em betão poroso de cor clara. A restante área possui zona ajardinada com árvores de porte médio. Faz parte ainda do espaço, um campo de jogos preparado para duas modalidades: futebol e mini basquetebol. Os principais acabamentos e destacando-se estes como a imagem da escola, são os revestimentos em betão aparente e mosaicos vidrados. O betão aparente está presente em todos os elementos estruturais verticais e horizontais, contrastando com a cor dos mosaicos que apresentam cores diferentes para cada espaço. A estereotomia do betão aparente, quer das lajes de pavimento, lajes de cobertura, interliga-se por eixos horizontais e verticais aos elementos de betão à vista, presentes nas paredes e pilares, ou seja, em parâmetros verticais. Todo este

volume de construção tem importante leitura no edifício e define os trâmites principais da leitura de arquitectura. As paredes revestidas com azulejo de variadíssimas cores, interligam-se de panos interiores para panos exteriores, podendo verificar-se do lado exterior qual a cor designada para cada sala de aulas. Todos estes elementos construtivos e de revestimentos foram responsáveis pela produção de mais de 100 desenhos de produção/preparação de obra.

Outros materiais de destaque no presente edifício são os pavimentos, cujo revestimento é constituído por manta vinílica, e as paredes revestidas a aglomerado de cortiça colada, utilizado como apoio à prática pedagógica e correcção acústica dos espaços, nomeadamente em salas de aulas. Em todos os tectos foram aplicadas placas de gesso cartonado microperfurado para melhorar os efeitos acústicos, à excepção das zonas comuns que são acabadas em betão aparente. Os pavimentos das zonas comuns também são revestidos e concluídos com betão aparente. Relembra-se que toda esta estereotomia tem ligações com outros corpos da escola. Posteriormente foi aplicado tratamento anti-derrapante. As paredes divisórias entre salas de aulas são de constituição dupla, de tijolo vazado, cujo preenchimento da caixa-de-ar é realizada com isolamento acústico, do tipo lâ de rocha. A cobertura do edifício é plana, tradicionalmente construída pelo sistema de cobertura invertida, munida de impermeabilização, isolamento térmico e acabamento final de lajeado de betão. Todos os vãos exteriores são fechados com caixilharia de alumínio munida de corte térmico e vidro duplo. Pontualmente existem lanternins em acrílico quem permitem a incidência de luz natural dentro do edifício. O portão da entrada principal é constituído por perfis metálicos e revestido a azulejo colorido.

O edifício está também equipado com painéis solares, responsáveis pelo aquecimento das águas sanitárias e aquecimento. A maioria do mobiliário foi produzida pela tmodular, destacando-se o mobiliário da biblioteca, concebido pela **dst**.

Na execução da empreitada, participaram diversas empresas do grupo **dst**, nomeadamente a **cari** construtores (empreiteiro geral), **dte** (empreitada de electricidade e AVAC), **tmodular**, **bysteel**, **tconcrete** e **tagregados**. ■

CONVERSANDO COM... *Nuno Ribeiro da Silva*

Nuno Manuel Franco Ribeiro da Silva é Mestre em Economia, Política e Planeamento Energético pela Universidade Técnica de Lisboa, após ter cursado Engenharia e Economia. É Professor Universitário desde 1983, tendo exercido funções directivas no Instituto Superior de Economia e Gestão. Lecciona Economia da Energia e Política Energética no Mestrado de Economia da Energia e do Ambiente. Até 1986 exerceu funções de Administrador e Consultor em diversas Empresas, entre outras na EDP, CP, RN e INESC.

Integrou ou representou o País em várias missões oficiais e processos negociais junto das Comunidades Europeias, Banco Mundial, entre outras.

De 1985 a 1996 exerceu cargos políticos, tendo sido Assessor do Secretário de Estado do Ambiente (1985-1986), Secretário de Estado da Energia (1986-1991), Secretário de Estado da Juventude / Presidência do Conselho de Ministros (1991-1993) e Deputado à Assembleia da República (1992-1996).

É assessor da Sacyr Vallehermoso / Somague e Presidente da ENDESA PORTUGAL, s.a.

É Presidente do Conselho Estratégico para o Ambiente da AIP e Membro do Conselho Estratégico para a Ciência, Tecnologia e Inovação.

Pertence a órgãos sociais de várias instituições ligadas aos temas de Energia e Ambiente (Conselho Mundial Energia; Associação Portuguesa de Energia; Associação Portuguesa de Energias Renováveis; Sociedade Portuguesa de Energia Solar; International Institute of Energy Economics, etc.).

No contexto actual, o sector Energético sofre com a dependência do abastecimento externo, com questões de sustentabilidade ambiental e com a oscilação de preços que põe em causa a competitividade do país. Qual será para si, a dimensão mais crítica?

A dimensão mais crítica, ... "são" as três!

Esta é uma particularidade histórica, a saber, a não "incontornabilidade" de ter de lidar, em simultâneo, com os três pilares das políticas energéticas.

Na década de 70, com os choques petrolíferos, a prioridade ia para a segurança do abastecimento, pouco se ligava ao ambiente e nada ao mercado e competitividade do sector.

Na década de 80, com os dois grandes acidentes nucleares, os derrames petrolíferos, as chuvas ácidas, etc., emergiu a prioridade dada ao ambiente e sustentabilidade, enquanto se vivia uma "sobre oferta" de petróleo barato – contra-choque petrolífero de 1980 – e os monopólios energéticos verticalizados e detidos pelos estados, continuavam a reinar.

Na década de 90, com as administrações Reagan e Thatcher, emergiu a preocupação com a eficiência, a competitividade das empresas energéticas, continuando a segurança do abastecimento a ser descurada e os impactos ambientais, se bem que na agenda, a serem vistos apenas numa óptica de mitigação de impactes, longe ainda de uma leitura mais profunda e complexa de sustentabilidade.

Enfim, como referi, os últimos anos vieram alertar-nos, de forma brutal, para que temos de gerir os três vectores, em simultâneo e com a mesma atenção.

A segurança e a geoestratégia da energia, diariamente na agenda das reuniões internacionais – a fome de energia da China e países emergentes, a chantagem dos países produtores em termos políticos (Irão; Venezuela; Rússia, etc.), em termos de preços (147 dólares por barril de petróleo!), os cortes de abastecimento de gás natural pela

Rússia – tiram-nos do sono tranquilo da energia abundante e barata, que vivemos entre 1980 e 2005.

A dimensão da sustentabilidade e do ambiente, ressalta com a "entrada" de quatro mil milhões de pessoas no "mercado da energia", multiplicando a procura e os impactes decorrentes sobre o ambiente, a economia, o ambiente político, a forma como lidamos com os recursos e "comportabilidade" da sua "recolha", transformação e consumo.

Em particular, as alterações climáticas – problema que ultrapassa as fronteiras nacionais e os impactes meramente locais ou regionais – fazem-nos sentir que andamos sobre um campo de minas!

Por último, a necessidade de mudar as tecnologias que usamos na oferta e na utilização final da energia, cria tremendos desafios à competitividade do sector empresarial energético, com conse-



quências óbvias sobre toda a matriz económica e a sociedade, face à imprescindibilidade da energia no nosso dia-a-dia.

É muito difícil gerir estes três pilares em simultâneo mas, hoje, é suicida esquecer qualquer uma destas dimensões.

A questão energética ainda se mantém um factor de grande vulnerabilidade para o nosso país?

Sim, claro.

Basta lembrarmo-nos que em 2004 gastamos três mil milhões de euros em matérias-primas energéticas e, em 2009, tivemos de pagar oito mil milhões!

É o espelho de uma monstruosa vulnerabilidade, face a mercados que não controlamos minimamente e que podem “virar”, de um ano para o outro as contas externas, a competitividade das empresas e o bem-estar das famílias.

Importar mais de 80% de energia primária, onde o petróleo pontifica, com uma eficiência no uso dessa energia muito inferior à média europeia, com emissões de CO₂ acima da nossa quota, são parâmetros suficientes para evidenciar este “calcanhar de Aquiles” do nosso País.

Portugal aproveita suficientemente os recursos energéticos que possui? Em alturas de crise como a que vivemos, é previsível uma maior procura por estas soluções de energias renováveis ou, pelo contrário, iremos recorrer às mais poluentes, mas mais baratas?

Temos de aproveitar melhor os nossos recursos e utilizar melhor a energia que produzimos e compramos.

A primeira nota para alertar que “as energias mais poluentes, mais baratas” são insustentáveis no médio/longo prazo – logo não são opção – para além de contas mais “cuidadas e completas” nos poderem surpreender sobre o real custo/benefício das diferentes opções energéticas para a economia e sociedade portuguesa.

Uma segunda nota, vai para um “recurso energético” esquecido do nosso País, o maior de que dispomos: o desperdício! Com efeito, partindo de uma eficiência energética muito inferior à média europeia, confrontamo-nos com o objectivo (médio) europeu em melhorar a eficiência no uso da energia em 20% até 2020. Falamos de mais de dois mil milhões de euros/ano que o País desperdiça!

O terceiro alerta para o facto de o País dispor de recursos privilegiados em fontes renováveis – nenhuma zona do planeta tem, como na orla norte do mediterrâneo, um leque tão variado e rico de fontes renováveis... – estarem apenas a ser canalizadas para a produção de electricidade (25% da procura final de energia), faltando potenciar as feiras renováveis na produção de calor/frio (solar térmico, biomassa, geometria, etc.) e de combustíveis para os transportes.

O governo afirma querer tornar Portugal um dos principais players na união Europeia no que diz respeito ao sector energético tendo aprovado recentemente vários diplomas neste âmbito. Acredita que temos capacidade para atingir esse estatuto até 2020?

Vamos por partes. Não é difícil a Portugal atingir um elevado patamar na produção de electricidade com base em fontes renováveis, até pelo facto de herdarmos uma os

importante “carteira” de barragens construídas nos últimos sessenta anos.

Com os recursos do País, é perfeitamente acessível a meta a que nos propomos para 2020, no que respeita à produção de electricidade.

Mais ambicioso é o objectivo de renováveis no total do consumo energético de Portugal.

Para além dos valores de referência anunciados pelo Governo, ser líder na Europa em matéria energética, também implica incrementar significativamente o uso eficiente – nesta matéria estamos muito longe de dominar a situação – desenvolver tecnologias próprias e, sobretudo, integrar no tecido produtivo nacional a produção, instalação e manutenção destas novas soluções que fazem parte do novo paradigma energético.

Sobre esta última matéria, não está garantido que consigamos aproveitar, em reforço do nosso tecido produtivo, as alterações tecnológicas em curso, apesar dos exemplos positivos da instalação de fábricas da ENERCON (eólico), de algumas unidades industriais de painéis solares térmicos e fotovoltaicos.

No domínio da investigação e inovação somos fracos e pouco organizados e a iniciativa empresarial é tímida e pouco apoiada, em particular no contexto da crise que estamos e iremos suportar durante vários anos.

Ser líder e exemplar obriga a conjugar estas dimensões, já sem falar noutras como a introdução de tecnologia de “*smart grid*”, racionalização no sistema de transportes, do ordenamento do território, enfim, um enorme desafio.

Como vê a evolução das Energias Renováveis em Portugal para os próximos anos?

Um aspecto muito positivo, está no facto de a opinião pública já ter compreendido que temos de “mudar de vida”...

Esta realidade deve encorajar os políticos, de qualquer partido, a prosseguirem em iniciativas coerentes em matéria de promoção do uso das renováveis, não só para fins de produção de electricidade.

A continuidade, estabilidade e pragmatismo das políticas é crucial nesta matéria para atingirmos os resultados a que o Governo actual se propõe.

Temos o potencial, rico e variado, de fontes renováveis. Com mais ou menos “turbulência”, provocada pela crise económica e financeira, por defensores de modelos do passado, as energias renováveis vieram para ficar e deverão estender a sua presença noutros domínios, que não só a produção de electricidade.

O sector das energias renováveis está associado à inovação tecnológica. A área de Investigação e Desenvolvimento em Portugal está suficientemente madura para dar resposta aos desafios que lhe são propostos?

Não.

O exemplo mais bem conseguido e sólido que temos é o do consórcio ENEOP, com a efectiva criação de um *cluster* em torno do projecto de instalação de 1200 MW de aerogeradores.

Os outros projectos eólicos, solares térmico e fotovoltaico, biomassa, geotermia, mesmo o hídrico, ainda não consolidaram uma matriz de investigação, inovação, indústria e serviços.

Há muita dispersão nas áreas de investigação.

Se por um lado tal facto pareça positivo, temo que se “pulverizem” recursos humanos e materiais por demasiadas frentes, sabendo das nossas limitações.

Tentaria, indicativamente, privilegiar temas de “aposta”, sem prejuízo de, quem quiser, se aplicar em outros domínios.

No que respeita à investigação nos Laboratórios do Estado e Universidades Públicas, este cuidado é particularmente avisado, a par da garantia de que não entraremos no habitual “*stop and go*” na disponibilização das condições materiais necessárias...

Acredita que o cidadão comum já tem consciência da carga ambiental decorrente da utilização de fontes de energia fósseis e como tal está mais preparado para recorrer a energias renováveis?

Acredito que está mais sensibilizado do que alguma vez esteve.

Não só no plano da sustentabilidade, como na segurança do abastecimento e volatilidade dos preços.

Sensibilizado é diferente de consciente. Contudo, é um enorme capital para prosseguir com um esforço coerente, equilibrado, didáctico de alteração de paradigma energético para Portugal.

A electrificação da mobilidade é a solução para a resolução de grande parte dos problemas ambientais? Quando acha que estará verdadeiramente implementada uma frota significativa de carros eléctricos?

A mudança da mobilidade “a motor de combustão” para a electricidade, é o acontecimento mais relevante das últimas décadas no sector energético.

O impacto não se confina às consequências sobre o ambiente, mas alarga-se à dimensão geoestratégica. É o início do “grito do Ipiranga” face à dependência do petróleo.

Acredito que o veículo eléctrico vai “entrar” mais depressa do que julgamos - ao equacionar as grandes mudanças culturais, técnicas e económicas que pressupõe - nomeadamente na mobilidade urbana.

Em 10/15 anos iremos questionarmo-nos sobre “como pude viver nesta cidade com o ruído e gases de escape dos carros antigos...”

Contudo, e apesar de passarem a ideia de que o carro eléctrico é um “carro limpo”, a indústria eléctrica é quem mais emite CO2. Qual a verdadeira vantagem na utilização destes meios de locomoção?

Precisamente porque a indústria eléctrica se está a tornar mais limpa – menos suja – com a entrada massiva das tecnologias renováveis!

Além do mais, a eficiência da fiação eléctrica é superior à do petróleo e derivados na mobilidade. Cerca de um terço mais eficiente.

Por último, é mais fácil controlar a performance ambiental de centrais geradoras de electricidade, do que de centenas e milhares de veículos, milhões no futuro.

Em 2008 foi inaugurado no Alto Minho, o maior parque eólico da Europa. Passados estes anos, qual o balanço que se pode fazer a nível do fornecimento e exportação desta energia?

O balanço é muito positivo.

Trata-se de um projecto exemplar – veja-se o número e qualidade dos visitantes às instalações – que a EDF, a **dst** e a FINERGE desenvolveram.

Uma excelente – e pequena – equipa que, em colaboração estreita com as Câmaras Municipais e os Povos, implantou um conjunto de parques com óptimo perfil técnico, ambiental e económico.

Integramos as populações e distribuímos riqueza no local, desenvolvemos soluções rigorosamente respeitadoras do ambiente, da fauna e flora, reforçamos a qualidade da rede eléctrica de distribuição na região sob a influência dos parques.

Ganha o País, a Região e os accionistas, incluindo, obviamente, as Câmaras Municipais.

Segundo a Comissão Europeia, os países da União Europeia vão cumprir as metas do Protocolo de Quioto à conta da recessão económica. Como se relaciona esta redução das emissões com o abrandamento da economia?

A crise económica actual nada tem a ver com o esforço realizado, à escala europeia e não só, em desenvolver as renováveis.

Pelo contrário, tem sido repetidamente afirmado por diversos responsáveis que a descarbonização da economia – para além duma necessidade inadiável – é uma enorme oportunidade de lançar novas tecnologias, novo saber europeu.

É a volatilidade do preço do petróleo e outros fósseis, que tem ajudado à crise.

A crise dificulta o financiamento de projectos e assusta algumas empresas do sector mas, para ir do Porto a Braga, não temos de circular sempre à mesma velocidade... O que é necessário é manter a rota e chegar!

Qual é o balanço da entrada da ENDESA como fornecedor de energia eléctrica no mercado residencial português?

A ENDESA, a par do incumbente, é a única empresa que comercializa no segmento doméstico, embora ainda com muitas condicionantes regulatórias.

O Grupo ENEL/ENDESA fornece cerca de 70 milhões de clientes em todo o Mundo. O desafio do mercado português não nos assusta, apenas nos encontramos ainda com a não existência de regras previsíveis neste segmento de mercado, o que justifica o nosso esforço limitado.

Mesmo assim, os nossos cerca de 50 mil clientes domésticos já beneficiaram de preços mais baixos. O “amadurecimento” deste mercado trará benefícios, também, no plano da qualidade dos serviços associados. ■

AS REDES DO FUTURO

NETWORKS



dstelecom no "Restart": 20.º Congresso das Comunicações

news

17

O 20.º Congresso da Associação Portuguesa para o Desenvolvimento das Comunicações, que decorreu a 17 e 18 de Novembro no Centro de Congressos de Lisboa, focou-se no tema "Restart" (Recomeço), procurando explorar a crise como porta para a inovação tecnológica. A **dstelecom** marcou presença neste congresso, através de um *Spot Light* no espaço *Innovation Lounge*.

Diogo Vasconcelos, presidente da APDC, José Amado da Silva, presidente da ANACOM e Neelie Kroes, comissária europeia da Agenda Digital e Vieira da Silva, ministro da Economia e Inovação, fizeram a abertura do Congresso.

Durante dois dias estiveram em debate os temas: "Digital Natives e Crowd Sourcing", "A Nova Experiência da Internet", "Value Chain: Novos Equilíbrios?", "A Liberalização dos Serviços do Sector Postal", "The battle for the Digital Home", "Cloud Computing Changes Everything", "Regulação: Novas Redes & Novos Desafios", "As Redes do Futuro" e "O Estado da nação".

Inovação é mesmo a palavra que melhor descreve o Congresso da APDC, que contou este ano com várias novidades, entre elas, a participação dos novos cibernautas, estudantes do 6.º, 9.º e 12.º de três escolas e a realização de uma "unconference", um espaço aberto à discussão, onde os participantes decidiam os temas no momento.

Outra das novidades foi o "Restart Ecosystem-Pecha-Kucha", um conscrito japonês, que permitiu às empresas da indústria das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) fazer uma apresentação sobre o recomeço, num formato onde se mostram 20 imagens, cada uma em 20 segundos, numa exposição total de seis minutos.

Paulo Campos, secretário de Estado das Comunicações, confirmou à margem deste evento, que apesar dos vencedores dos concursos de Redes de Nova Geração em zonas rurais já serem conhecidos desde Fevereiro, os projectos não avançam no terreno porque os promotores ainda aguardam a aprovação do financiamento comunitário que suporta o investimento. As redes rurais de fibra óptica fazem parte da lista de projectos estruturantes definidos pelo Governo na área das Telecomunicações e da Agenda Digital recentemente anunciada, mas depois de alguns atrasos no lançamento dos concursos e adjudicação dos projectos, estes acabaram por ainda não se concretizar no terreno. Paulo Campos garante porém que os promotores estão preparados para avançar assim que os financiamentos sejam desbloqueados em Bruxelas, não adiantando qualquer previsão em termos de data.

Recorde-se que depois da escolha de uma *short-list*, o Governo anunciou em Fevereiro os vencedores de três dos concursos para a instalação de redes de comunicações de nova geração nas zonas rurais, atribuindo à **dstelecom** a implementação de fibra óptica nas regiões Norte e Sul do país. A Viatel ficou com a instalação de redes de banda-larga na região Centro. O investimento da **dstelecom**, que se associou à Sonaecom nestes concursos, vai rondar os 108 milhões de euros, 68 milhões destinados ao Norte e 40 milhões destinados à zona Sul. Estes dizem respeito à implementação de cerca de oito mil quilómetros de fibra óptica e parte destes valores será assegurado por dinheiros públicos, como estava definido. De acordo com os dados partilhados por Paulo Campos, também em Fevereiro deste ano, a instalação de uma rede de telecomunicações de nova geração nas regiões Norte, Centro e Sul do país salda-se num investimento público e privado de 156,5 milhões de euros.

O Executivo desembolsará 89,7 milhões de euros, suportando 56% dos custos da

instalação da infra-estrutura de fibra, recorrendo a um apoio 50 milhões de euros da União Europeia. O resto será com recurso a outros fundos comunitários.

A aposta nas telecomunicações é estruturante para o desenvolvimento económico, defendeu novamente Paulo Campos. "A nossa ambição é ter uma rede fixa de nova geração até 2012 e uma nova rede móvel em 2015", adiantou já à margem do congresso o secretário de Estado, afirmando que são estas redes e os serviços disponibilizados que contribuem para a igualdade de oportunidades para o desenvolvimento das empresas.

Mantendo o calendário definido para o lançamento do concurso de 4.ª geração móvel para 2011, Paulo Campos diz que o Governo está "a trabalhar para que em 2011 sejam oferecidas as licenças ao mercado" mas admite que só em 2015 se poderá ter resultados operacionais das redes móveis de nova geração em todo o país.

Na abertura do Congresso das Comunicações, o presidente da APDC destacou o papel que as "start-ups" têm ganho na formação de novos empregos: entre 1992 e 2005, foram responsáveis por 64% dos mesmos. De acordo com o mesmo responsável, as referidas organizações criaram perto de 64% dos novos empregos, entre 1992 e 2005. Diogo Vasconcelos assinalou este facto para explicar o papel que as pequenas empresas podem desempenhar na debelação da crise económica. Com a mesma perspectiva, sugeriu a adopção de novos modelos para promover a inovação, baseados numa colaboração mais forte entre o sector público e o privado – tendo em conta o peso do Estado na criação do produto da economia.

O presidente da associação explicou a conjuntura que Portugal enfrenta e que é definida por cinco factores: desemprego juvenil e de longa duração (20%), sinais de falta de coesão social, envelhecimento da população e a vaga de alterações climáticas. Para o responsável, são áreas nas quais há grandes oportunidades de inovação.

A partilha de infra-estruturas nas redes de nova geração voltou a estar em debate no painel mais popular do Congresso da APDC, sem grandes novidades nas posições defendidas pelos principais actores do mercado. Zeinal Bava animou a audiência quando reagiu ao tópico dizendo que o tema da partilha de infra-estruturas na fibra óptica "é um comboio que já partiu da estação faz muito tempo". Acrescentou ainda que, no que se refere a esta tecnologia, a PT investiu já na cablagem de um milhão de casas e prepara até final do ano a infra-estruturação com fibra de mais 600 mil casas. Esta é uma rede que "não está à venda nem disponível para partilhar com ninguém", defendeu. Vodafone, Optimus e Oni também reiteraram as suas posições, considerando que o mercado já demonstrou não ter capacidade para tornar viável mais do que uma rede fixa de comunicações, como sublinhou António Coimbra, da Vodafone. Xavier Martin, CEO da Oni, não defendeu que não é possível assegurar mais do que uma rede de fibra óptica no país, mas sublinhou que todo o investimento concentrado na rede é investimento que não poderá ser feito nos conteúdos e na dinamização das infra-estruturas.

O congresso teve este ano cerca de 1600 participantes de 400 empresas, 200 talentos de Nova Geração e 100 oradores nacionais e internacionais de renome, como Steven Johnson, autor do *best-seller: Where good ideas come from - The Natural History of Innovation*. ■



“COMPETIÇÃO” PELO NÃO ACIDENTE

Com o objectivo de reduzir a zero os acidentes no centro produtivo da **bysteel**, foi recentemente implementada uma “Competição pelo não acidente”.

Esta iniciativa tem como propósito desenvolver uma motivação extra para os colaboradores trabalharem em segurança e terem cada vez mais consciência dos riscos e consequências associados a actos imprudentes. Pretende ainda valorizar todos os que se esforçam diariamente por cumprir as regras de segurança e que são efectivamente prudentes na execução das suas tarefas diárias.

A metodologia estabelecida nesta competição passa pela atribuição mensal de um alfinete de prata em forma de estrela aos colaboradores no(s) sector(es) com zero acidentes. No final de cada semestre será presenteado com alfinete de ouro em forma de estrela o sector que teve o maior número de meses sem acidentes. Este sector terá ainda uma recompensa colectiva. Já o sector que todos os seis meses não teve quaisquer acidentes será recompensado com um alfinete de ouro em forma de estrela coroada e com um presente individual extra. Contudo, a entrega das estrelas (dourada ou dourada coroada) pode ser penalizada, caso na avaliação de limpeza e organização do espaço de trabalho o sector candidato, não obtiver mais de quatro vezes (4 meses) o nível bom.

A campanha iniciou-se em Setembro e tem vindo a obter o maior empenho, por parte

de todos os envolvidos, conforme se pode verificar pela lista de vencedores.

Parabéns aos vencedores do mês de Setembro:

Sector serralharia ligeira
Sector da Soldadura
Sector 1.ª transformação
Sector da manutenção
Sr. Domingos Correia

Parabéns aos vencedores do mês de Outubro:

Sector da Serralharia pesada 1
Sector da Serralharia pesada 2
Sector da manutenção
Sr. Domingos Correia
Miguel Matos

Esperamos poder continuar a contar com a vossa inteira colaboração já que...

“Ser Seguro é Ser Melhor”!■

SEGURANÇA

este espaço é da autoria do dep. HST da dst



RELATÓRIO OBRA

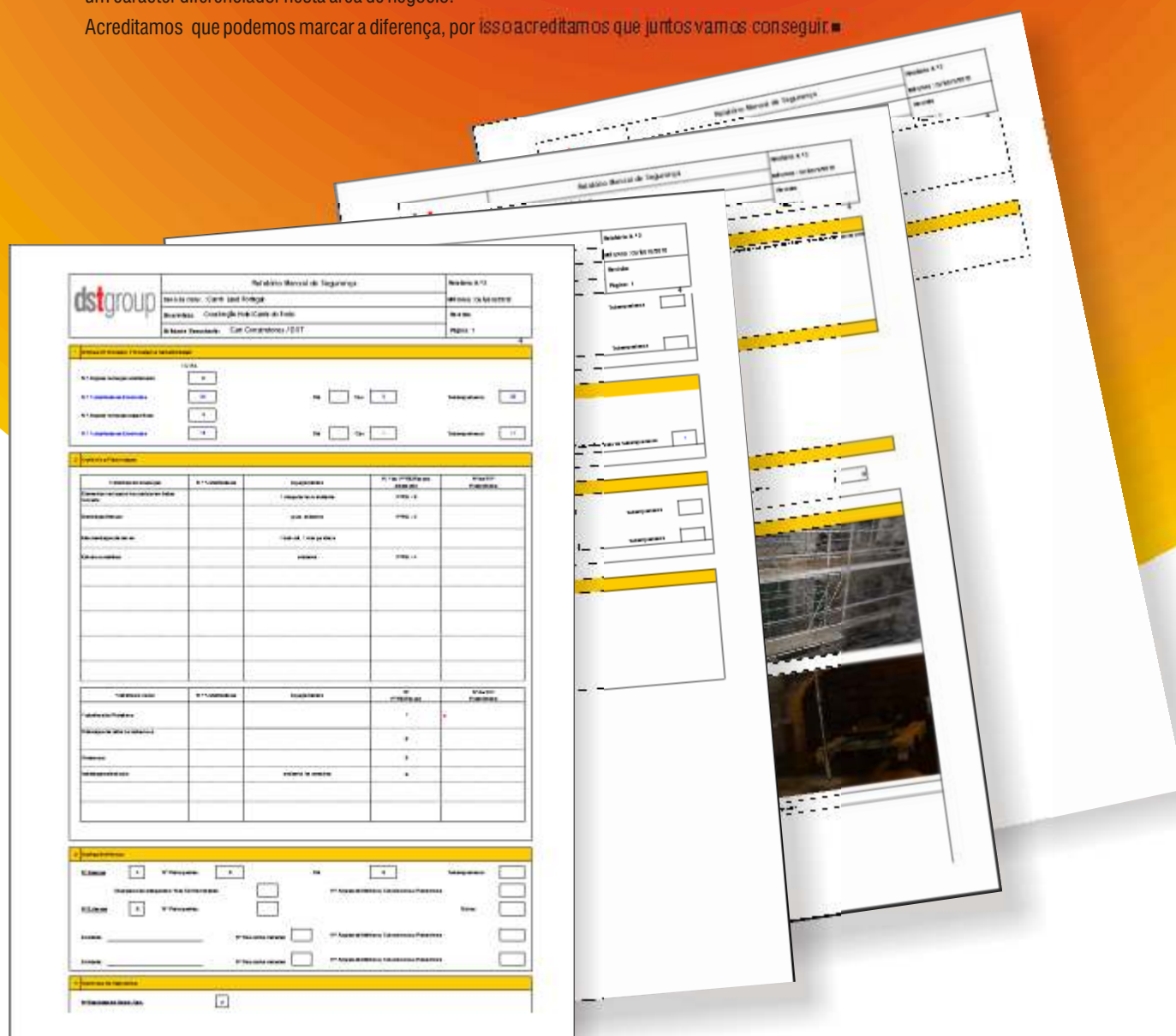
O departamento de segurança higiene e saúde no trabalho, no sentido de dinamizar e sensibilizar todos os colaboradores para atitudes a ter em obra na implementação de um estaleiro bem organizado que traduza a imagem sofisticada do grupo, pretende implementar ranking's de classificação de "a melhor obra" para 2011.

Essa classificação assentará sobretudo, na análise dos relatórios mensais das obras elaborados pelos Técnicos de Segurança, onde serão tidos em conta critérios como os abaixo mencionados, de acordo com o modelo de relatório de obra criado para o efeito:

1. número de acidentes ocorridos;
2. número de não conformidades;
3. número de imprudências;
4. número de visitas do ACT;
5. número de controlos de alcoolemia;
6. aspecto geral do estaleiro, etc, etc...

Estamos certos de que estas medidas irão acrescentar valor à nossa actividade que queremos que seja cada vez mais reconhecida no mercado, com um carácter diferenciador nesta área de negócio.

Acreditamos que podemos marcar a diferença, por isso acreditamos que juntos vamos conseguir. ■



MELHORAMOS SORRISOS

Segundo um estudo divulgado sobre saúde oral, os portugueses, a par com os gregos, ocupam o penúltimo lugar da Europa na frequência com que visitam o dentista, com apenas 45% a fazer pelo menos uma visita anual.

No grupo **dst**, existem agora mais oportunidades para mostrar sorrisos. O consultório de medicina dentária está já em pleno funcionamento no **Centro de Saúde dst** e proporciona a todos os colaboradores do grupo consultas totalmente gratuitas.

Este serviço teve início a 26 de Agosto de 2010 e já atendeu até a presente data, cerca de 100 colaboradores de todo o grupo, dos mais diversos departamentos e áreas de produção. Porque queremos que os nossos colaboradores, saibam que nos preocupamos com o seu bem-estar, importa informar novamente que o gabinete de medicina dentária se encontra disponível e de acesso gratuito a todos os colaboradores.

A **dst**, quer com esta iniciativa, ter uma acção de responsabilidade social para com os seus colaboradores, estando a prever expandir esta iniciativa à comunidade local onde está inserida.

Agora já não tem desculpas para fugir do dentista. Adiar a sua visita com desculpas de falta de tempo só irá prejudicar o seu sorriso e a sua saúde. Verifique abaixo a lista com alguns motivos ir ao dentista regularmente:

1. **Manter a saúde do corpo:** uma boca bem cuidada reflecte-se na saúde de todo o corpo. Uma má mastigação ou mesmo uma mordida errada podem ocasionar desde dores de cabeça até problemas cardíacos.
 2. **Reconquistar a auto-estima:** manter um sorriso saudável e harmonioso é uma boa maneira de ficar bem consigo mesmo/a. Ao gostar mais da sua aparência, estará mais seguro/a para enfrentar a vida.
 3. **Prevenção:** prevenir cáries, doenças periodontais e mau hálito evitam problemas futuros no cuidado com os dentes e gastos em longos tratamentos. Um check up periódico não deixa que os problemas se avolumem.
 4. **Substituir restaurações:** suas antigas restaurações (conhecidas como obturações) feitas em amálgama, aquele material prateado, podem ser substituídas por resinas mais actuais que são imperceptíveis e duradouras.
 5. **Endireitar os dentes:** dentes tortos, além de serem esteticamente feios, diminuem o rendimento mastigatório, causam dores de cabeça e ouvidos, prejudicam a fonética, entre outros problemas.
 6. **Evitar problemas cardíacos:** quase ninguém sabe, mas as bactérias do tártaro dental podem atacar o coração. A endocardite bacteriana, um tipo de problema cardiológico decorrente de processos infecciosos, pode ter origem na cavidade oral e causar a proliferação de bactérias nocivas ao organismo.
 7. **Incentivar os seus filhos:** as crianças devem frequentar desde cedo o dentista. Dessa maneira, elas mantêm a saúde bucal e criam o hábito, combatendo a "odontofobia".
 8. **Fugir do mau hálito:** 90% das causas do mau hálito estão na boca. Escovar os dentes e a língua é essencial para manter um bom hálito. Visitar o dentista duas vezes ao ano também pode evitar uma situação desagradável.
 9. **Não roncar:** o ronco incomoda o seu sono e quem está do seu lado. A intervenção do dentista nesses casos não é definitiva, mas ajuda a eliminar o zumbido. A técnica passa pela colocação de uma placa que permite um sono mais leve e impede o desgaste dos dentes.
 10. **Prevenir o cancro bucal:** exames periódicos ajudam a identificar pequenas lesões que, se não tratadas, poderão evoluir para alguma forma de cancro.
- Nesta primeira etapa de funcionamento, as consultas serão de prevenção e exame, onde será realizada de uma forma geral, higienização e destaratarização. O consultório funciona todas as sextas-feiras, das 17h30 às 20h. Para efectuar marcação, deverá fazê-lo para os seguintes contactos: tel. 253 307 240; tel. 96 59 89 340; Ext. 3550 ou e-mail maria.carmo@dstsgps.com ■



SANGUE

**Recolha de sangue na dst
promove responsabilidade social**

O grupo **dst** promoveu em Outubro mais uma campanha de recolha de sangue nas suas instalações, com o objectivo de sensibilizar os seus cerca de mil colaboradores para uma das principais necessidades do país.

Este é já o segundo ano que organiza esta iniciativa e o objectivo foi duplicar o número de doações face ao ano passado, estando inscritos mais de 150 colaboradores. Em campanhas anteriores houve vários colaboradores interessados em dar sangue que não puderam fazê-lo e, como tal, o grupo entendeu repetir esta acção.

“A solidariedade é um dos valores preconizados pela **dst**, pelo que incentivamos todos os colaboradores a participar em acções de responsabilidade social, pois queremos ter pessoas que desempenhem papéis activos na sociedade, contribuindo para a construção de um país mais solidário e mais justo”, explica José Teixeira, Presidente do Conselho de Administração do Grupo.

Para esta campanha, o Instituto Português do Sangue disponibilizou um autocarro que esteve no dia 18 de Outubro estacionado em frente ao Centro de Saúde **dst**.

Segundo uma das enfermeiras, cada voluntário doou cerca de 500 mililitros de sangue. Cada colheita seguiu o processo normal. O sangue é separado nos laboratórios e, posteriormente, encaminhado para os hospitais que dele necessitem.

Bruno Gomes foi um dos voluntários que aderiu à campanha explicou que estava a doar sangue pela primeira vez. “Fui consciencializado para esta necessidade e por isso mostrei a minha disponibilidade para vir cá”, disse, frisando que o facto de ir em grupo, com outros colegas, também funciona como incentivo. Também Jorge Bastos participou pela primeira vez numa campanha destas. “Foi uma boa iniciativa por parte da **dst**, penso que todas as empresas deveriam fazer isto se tiverem condições e que todos deveriam ajudar”, sustentou. Os dois voluntários adiantaram ainda que irão continuar a participar em recolhas de sangue. “Sim, a partir de agora vou participar mais vezes. Não custa nada”, referiu Jorge Bastos.

No final da acção foram efectivadas 42 colheitas, o que leva a administração do grupo **dst** a projectar em breve uma nova campanha para dar resposta à disponibilidade manifestada por uma parte significativa dos seus cerca de mil colaboradores. ■



FORMAÇÃO

Do plano de formação para 2010/2011 ainda é possível inscreverem-se nos cursos ao lado mencionados.

Para se inscreverem deverão contactar a [Ana Antunes](mailto:ana.antunes@dstsgps.com), através do email: ana.antunes@dstsgps.com

A formação decorrerá de Janeiro a Março e oportunamente será comunicado o calendário para cada curso.

CURSOS

GESTÃO TÉCNICA DE OBRA - Análise de custos /reorçamentação 30 horas

ANÁLISE DE ERROS E OMISSÕES E AUTOS DE MEDIÇÃO 25 horas

INFRA-ESTRUTURAS E REDES DE NOVA GERAÇÃO (telecom. e fibra óptica) 30 horas

PREVENÇÃO DE RISCOS ELÉCTRICOS 30 horas

BOAS PRÁTICAS AMBIENTAIS EM OBRA E LEGISLAÇÃO 25 horas

EXCEL - Nível avançado 50 horas

DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO

Yes we do it!

A porta do departamento está sempre aberta. A mensagem é clara: todos são convidados a entrar e partilhar ideias e informações.

De um lado um designer, do outro uma comunicóloga. Em conjunto, qual Clark Kent e Lois Lane em Pitancinhos City, constituem a equipa do departamento de comunicação do grupo **dst**.

Para combater a falta de gosto e assegurar a construção de uma imagem sofisticada do grupo **dst**, esta equipa recorre aos poderes da criatividade para levar a bom porto as suas missões.

Ser criativo é isto mesmo: inventar, experimentar, crescer, correr riscos, quebrar regras, cometer erros e divertir-se ao fazê-lo. Do departamento de comunicação do grupo **dst** nascem soluções criativas para necessidades de comunicação e publicidade dos vários departamentos e empresas.

Este é o departamento do “thinking outside the box”, ou seja, das ideias diferentes, pouco convencionais ou com novas perspectivas e, se os *brainstormings* são constantes e por vezes mais explosivos, é o que resulta de um departamento em que as ideias, palavras, formas e cores são os instrumentos de trabalho. Como se consegue isso? A frase é cliché mas verdadeira: 1% de inspiração e 99% de transpiração.

A paixão pelo design e comunicação traduz-se, muitas vezes, em formas de trabalho mais irreverentes que colegas dos outros departamentos parecem invejar. “Vocês é que fazem coisas giras, aí deve ser divertido trabalhar”... Desenganam-se: as “coisas giras” dão trabalho e não é por o fazermos com mais paixão, que dá menos trabalho. Dá sim, mais prazer.

A actividade do departamento de comunicação vai muito além da criação de logótipos, promoção de eventos ou do envio do *clipping* por correio electrónico. Se o *marketing* tem o foco em produtos, clientes e vendas, a comunicação foca essencialmente a gestão da imagem de uma empresa.

Assim, o papel principal deste departamento é comunicar, de acordo com a estratégia e posicionamento da **dst**, com o público-alvo, seja ele externo (consumidores/clientes) ou interno (colaboradores). O seu objectivo é assegurar que a comunicação da empresa segue o padrão estabelecido, que a identidade visual é bem aplicada, que a percepção dos públicos em relação ao grupo é positiva.

Para construir uma comunicação eficaz e eficiente com vários públicos, é neste departamento que se articulam e integram as várias linguagens que compõem a comunicação de uma empresa: a publicidade, a sinalética, a assessoria de imprensa, as relações públicas, etc. têm que estar em sintonia e integradas de maneira a estabelecer uma linguagem única e diferenciadora.

O grupo **dst** tem consciência que comunicar internamente sobre os seus compromissos, os seus valores e as suas estratégias, desenvolver formas de diálogo onde os colaboradores sintam que podem dar a sua opinião e que o que pensam é tido em conta, é um factor fundamental para aumentar o seu alinhamento e envolvimento e, como consequência, a sua produtividade e a competitividade do grupo.

Desta forma, o departamento de comunicação faz chegar, via *intranet* para os colaboradores com computador, e via “jornal de parede” para os colaboradores da produção, as notícias que envolvem a empresa. Edita a *newsletter* institucional de

Margarida Pereira
directora de comunicação

periodicidade trimestral, desde a redacção dos conteúdos ao grafismo e distribuição (em papel e em formato electrónico). Neste suporte de comunicação, conta com a preciosa colaboração dos colegas dos vários departamentos que, além de fornecerem informações relevantes, contribuem com artigos de opinião.

A comunicação na *internet*, quer através dos *sites* institucionais (página Web do grupo **dst** e da empresa **dstrenováveis**), quer através das redes sociais, é outra das tarefas deste departamento.

O desafio da gestão da marca **dst** na sua globalidade é também uma preocupação constante. A marca é o que nos faz escolher entre dois perfumes, dois vinhos ou dois automóveis. O valor da marca reflecte-se nas nossas opções diárias. Se é com base nela que escolhemos muito do que vestimos, usamos ou comemos, porque razão não haveria a marca de determinar também a empresa que escolhemos para trabalhar?

O departamento de comunicação, em estreita colaboração com outros departamentos, nomeadamente com o “Centro de Logística” e com o departamento de Recursos Humanos, promove e organiza a candidatura do grupo às melhores empresas para trabalhar. Com o objectivo de criar uma estratégia de comunicação de recursos humanos integrada, consistente e continuada, ajuda a empresa a ganhar a competitiva batalha pelo talento. A adopção desta postura, associada a uma comunicação interna e externa eficaz dos aspectos mais relevantes da identidade da organização (missão, valores e práticas de responsabilidade social) permite à organização passar para o público uma imagem de melhor empresa para trabalhar, prémio que tem vindo a ganhar ano após ano. Sendo o talento dos colaboradores um dos factores críticos de sucesso das empresas, também a **dst** tem vindo a criar uma marca que captura o essencial da sua alma e das suas propostas de valor e as comunica de forma a facilitar a atracção e retenção de talentos.

Mas a marca é gerida também a outros níveis, nomeadamente do relacionamento com os *stakeholders* e com a comunidade onde o grupo desenvolve a sua actividade.

Desde o acompanhamento das necessidades dos colegas na gestão da imagem dos estaleiros, à decoração dos espaços nos locais de trabalho, tudo deverá ser comunicado de forma coerente.

A comunicação revela-se essencial para criar notoriedade e o reconhecimento do grupo **dst** nas comunidades locais acontece, não só pelas práticas de responsabilidade social, mas sobretudo pela comunicação das mesmas. Sem a existência de uma boa e activa política de comunicação, as acções de responsabilidade social do grupo não teriam o mesmo impacto, ficando este restrito às comunidades onde intervêm. O departamento de comunicação tem uma parceria com uma consultora de comunicação, especializada em assessoria de imprensa e com a qual gere o relacionamento do grupo **dst** com os órgãos de comunicação social (OSC). É responsável por formar relações sólidas e confiáveis com os diversos meios de comunicação, com o objectivo de se tornar fonte de

informação respeitada e requisitada, além de dar suporte para o relacionamento do grupo com a imprensa.

Além de preparar e enviar *press releases* para os principais veículos de comunicação, promove a relação com os OCS.

O departamento de comunicação operacionaliza também a área das Relações Públicas, sendo responsável por eventos sociais (encontros de quadros, prémios e exposições) e participações da empresa nos mais diversos âmbitos (feiras, patrocínios, mecenato, etc), para que sempre mantenha a padronização e a divulgação de uma imagem positiva da empresa.

É responsável ainda pela criação de peças diversas de comunicação para divulgação interna e externa (cartazes, desdobráveis, convites, anúncios, logótipos, entre outros) a fim de sustentar e garantir a unidade da imagem



institucional e cuidando da correcta aplicação das diversas marcas do grupo **dst**.

Os desafios colocados são sempre mais e melhores. A versatilidade impera na hora da execução das tarefas. Se um dia é passado a montar o chão para uma

feira, o outro pode ser a receber convidados ilustres. Ser criativo é isso mesmo: saber usar o que se tem disponível para ampliar a visão e diversificar as possibilidades de se chegar a uma solução concreta. É imperativo o planeamento e a colaboração de todos para a criação de uma comunicação eficiente. A ausência de planeamento e comunicação aberta, transparente e equitativa entre os vários departamentos e empresas do grupo funciona como verdadeira *kryptonite* nesta história, em que todos podem ser os heróis e contribuir para um final de sucesso. ■

João Pedro Sampaio
designer



O grupo **dst** organizou em Setembro o seu IX Encontro Radical para colaboradores, com o propósito de incentivar dinâmicas de grupo que reforcem o espírito de equipa, a comunicação e a partilha de informação entre pessoas e equipas, assim como a sua gestão e liderança.

O programa do evento decorreu num regime de aprendizagem vivencial (aprender a fazer, fazendo), suportado por momentos de reflexão e *feedback* constantes, com vista à melhoria contínua dos participantes.

Denominado "All in One", este evento contou com a participação de cerca de 150 colaboradores e decorreu em Caldelas e no Monte Santa Isabel.

Pela primeira vez, era exigido aos vários grupos uma organização prévia por equipas e uma identificação clara dos capitães de equipa para uma antecipação dos saberes a adquirir para cada prova. Assim, cada capitão de equipa recebeu dias antes do evento, um vídeo com um desafio que deveria transmitir aos restantes elementos da sua equipa. Este vídeo com exemplos ilustrativos, continha uma explicação dos temas em que cada equipa teria que dominar, de forma a poder ter um bom desempenho nas actividades que iriam encontrar e os materiais que obrigatoriamente teriam que levar.

Nos dias que antecederam o evento, cada equipa tinha também que efectuar a sua identificação colectiva (definir nome, *slogan*, logótipo e grito de guerra) para ser

apresentada no início da acção e ser avaliada e pontuada a sua criatividade. O objectivo deste desafio era o de enquadrar, envolver e motivar os participantes.

As actividades iniciaram-se com a atribuição de uma cor a cada uma das equipas e a apresentação/identificação das mesmas. De destacar a equipa bordeaux ("CARI") que complementou a sua apresentação com a utilização de instrumentos musicais e, como tal, obteve a maior pontuação nessa actividade (950 pontos). Foi também esta equipa quem melhor se comportou na prova de Geocaching (actividade de ar livre que envolve a utilização de um receptor de GPS para encontrar uma "geocache" ou "cache" colocada em qualquer local do mundo). Nesta prova de Geocaching, foi dado a cada equipa um mapa com um conjunto de 10 pontos com coordenadas GPS e um breve descritivo do local que tinham que atingir. Chegados ao local, cada subequipa teve que encontrar a "cache" que continha a descrição de uma actividade simples a realizar com o compromisso de tirar uma foto como prova de ter a realizado.

A prova de Geocaching terminou no TW Campus, em Vila Verde, altura em que se retemperavam forças num *coffee break* e se iniciou a preparação para as restantes actividades. Cada equipa recebeu um mapa com uma série de pontos orientação a atingir e actividades a realizar de forma a obter pontos.

Antes de irem para o terreno, as equipas decidiram quem realizava duas tarefas preparatórias: o planeamento da prova e a actividade "O Aqueduto".

Quem ficou na fase de planeamento, teve oportunidade de aprender sobre os temas necessários para a "Prova de Orientação", nomeadamente, sobre preparação de mochilas, gestão de recursos, uso de bússola, uso de escalímetro, leitura de mapas, etc. Os que realizaram a actividade "O Aqueduto", dividiram-se entre os que usaram canoas e os que ficaram em terra. Nas canoas havia um elemento vendado que remava





e um elemento que via e podia dar indicações, de forma a fazer travessias no rio e recolher varas de plástico.

Os participantes que estavam em terra tiveram que construir, com recurso às varas, um aqueduto e fazer deslocar água entre os dois pontos.

A equipa bege (“Os Sobreviventes” e “CC2”) destacou-se pela máxima pontuação (1000 pontos).

Após estas duas tarefas preparatórias e um almoço reconfortante, as equipas partiram para a “Prova de Orientação” no Monte de Santa Isabel.

Chegados ao terreno, as equipas tinham que alinhar estratégias, executar trabalho em equipa e, em constante cooperação e troca de informação, alcançar os pontos de orientação que, de acordo com o mapa e informação fornecida, lhes pareciam mais estratégicos.

Apesar das equipas partirem todas do mesmo local, cada mapa continha pontos de orientação distintos. Ao atingir um ponto de orientação, a equipa tinha conhecimento de novos pontos, entre eles “pontos especiais”, que consistiam em actividades que tinham que ser realizadas obrigatoriamente por toda a equipa.

Cada ponto de orientação ou obstáculo (actividade de *team building*) conquistado tinha determinada classificação, que variava consoante o grau de dificuldade (distância e condições de acesso).

A prova de orientação decorreu até ao final da tarde, sendo que o conjunto de actividades realizadas tinha uma correspondência directa com os valores da **dst**:

- EQUILÍBRIO COM ROLDANAS: tratava-se de fazer um percurso sobre um cabo de aço, com o auxílio da equipa. Os participantes distribuíam-se por dois extremos e em cada um dos lados existia uma ponta de uma corda que deveria ser puxada pela equipa para que, quem estivesse em prova, conseguisse avançar e não cair.

- ESCALADA + RAPPEL: devidamente equipados e seguros, seguindo sempre as instruções do monitor, efectuavam a subida da parede até ao local definido pelo monitor, enquanto outros colegas desciam em *rappel* e, enquanto se cruzavam, trocavam um objecto entre eles.

- BOLA: elementos de cada departamento, com os olhos vendados, tinham de efectuar um percurso com obstáculos, transportando uma bola. Tinham a ajuda dos

restantes elementos da equipa, que davam informação verbal. Cada subequipa tinha a sua bola e os seus caminhos cruzavam-se durante o percurso.

- PONTE: Alguns elementos tinham de efectuar um percurso em cima de uma fita tencionada. Contavam com a ajuda dos restantes elementos da equipa, que estavam a estabilizar a fita enquanto serviam também de apoio para os colegas.

Finda a “Prova de Orientação” foi altura de desfrutar do jantar no “Sardinha Biba”, em Braga e posteriormente saber da avaliação dos participantes face aos objectivos propostos. Foi Jorge Araújo, reconhecido treinador de equipas desportivas de alto rendimento e presidente da *TeamWork*, quem apresentou os resultados.

Assim, a “equipa **dst**” revelou os seguintes pontos fortes:

- Níveis crescentes de foco e concentração ao longo do programa.
- Pronta adesão de todos os participantes ao modelo de treino adoptado.
- Grande empenho e criatividade na forma como aderiram à tarefa inicial de criação de “Identificação Colectiva”.
- Bastante orientados para os resultados com preocupação na obtenção das melhores marcas.
- Excelente atitude na forma como aderiram às actividades experienciais.

Pontos Fracos:

- Dificuldades em definir tarefas e em retirar o melhor partido das competências específicas de cada elemento.
- Dificuldades na forma como comunicam e partilham informação enquanto equipa.
- Dificuldades ao nível do planeamento. Sobretudo, tomaram um conjunto de importantes decisões no que toca à preparação da “Prova de Orientação”, que nem sempre se revelaram as mais eficazes para o desempenho da equipa.

O IX Encontro Radical continuou com a entrega dos prémios às equipas mais bem classificadas, numa clara valorização do trabalho em equipa que o grupo **dst** promove em todos os seus projectos. A festa prolongou-se pela noite dentro, dando corpo à alegria e companheirismo que se vivenciou em todo o evento. ■





MADE in CHINA

por José Pequeno

este artigo foi fabricado na China

Terminou a EXPO Shanghai 2010. O maior evento organizado de sempre, com mais de 72 milhões de visitantes, ao longo de 6 meses, encerrou no passado dia 31 de Outubro. Para se ter uma ideia, a sua dimensão física multiplicou em 12 vezes a área da nossa EXPO'98. Outra escala. Outra realidade, tão diferente da nossa, e especialmente da que vivemos hoje em dia.

E é precisamente essa diferença de mundos que gostaria de aqui abordar, numa espécie de resumo à experiência vivida nos últimos 8 meses.

Mas antes, um pequeno enquadramento. Recuemos um ano, a Novembro de 2009. Após 4 anos de investigação aplicada e esforço de investimento a médio prazo por parte da **dst**, num trabalho conjunto com a Universidade do Minho, a investigação desenvolvida no seio da empresa foi distinguida no Concurso Nacional de Inovação BES, através do painel Et3 *Energetic modular technology*. Aquele que é o mais prestigiado prémio de inovação nacional permitiu algumas oportunidades de visibilidade, não apenas ao produto premiado, mas ao conjunto de todo o trabalho desenvolvido nesse âmbito. Em consequência disso, a **dst** foi convidada a representar Portugal na EXPO2010 com o seu projecto **ttt** torre turística transportável. À data estava ainda no papel, sendo de facto um projecto. E isto só vem salientar a coragem da empresa, no seu todo, por ir a jogo em resposta ao desafio lançado pelo Ministério da Economia, Inovação e Desenvolvimento e à Participação de Portugal na EXPO 2010, que desde o primeiro momento apoiaram e incentivaram esta iniciativa. Estávamos agora em Dezembro de 2009, a escassos 5 meses do 1.º de Maio, início da Exposição. A correr (muito) bem seria assim: dois meses para construir em Portugal, dois meses para o transporte marítimo de meio mundo, e mais um mês para receber e preparar a “Dama de Xangai” para a festa que se seguia. Assim mesmo, em contrarrelógio e sem rede... E assim foi. Cinco meses voaram e a **dst** chegava à China em *sprint*.

Começava nova etapa, com um primeiro objectivo: ao longo dos 6 meses do evento fazer boa figura na restrita e seleccionada área de melhores práticas urbanas (UBPA *Urban Best Practices Area*) do recinto. Mas este não era o único objectivo, constituindo de resto apenas uma pequena parte da estratégia. A restante, a maior, a que daria verdadeira substância negocial a este desafio, residia na necessidade de analisar e preparar localmente a implementação deste produto e deste negócio, mediante a aceitação recebida. Porque um desafio leva a outro, normalmente com níveis de dificuldade crescentes.

Este artigo foi fabricado na China, em boa verdade, como a maioria de outros artigos – de outra natureza - que se comercializam no ocidente. A China é, hoje, a fábrica de um mundo em mudança acelerada. Uma mudança que levará a novas centralidades

globais, e na qual a China figurará, incontornavelmente, como actor ascendente.

Lembro-me de, há uns tempos, ter visto a reportagem de um jornalista que, em vão, tentou viver um mês sem qualquer recurso a produtos *made in China*. A resignação era total e absoluta.

Nos últimos anos, e após séculos de guerras internas e fechamento ao mundo, a economia chinesa ultrapassou, de uma assentada, e nos últimos 2 anos, França, Reino Unido e Alemanha para, no último mês, deixar para trás o Japão e iniciar a perseguição aos ainda destacados EUA pelo topo do poder económico internacional. Estamos atentos à imprensa e vemos que a China prossegue activamente o seu projecto espacial, possui agora o mais potente computador do mundo, que por sua vez alia ao mais rápido transporte terrestre. E organizou as maiores e mais impressionantes olimpíadas da história, nas quais foi, pela primeira vez, o país com mais medalhas de ouro obtidas.

O gigante chinês acordou, com estrondo, para o mundo. E a China está longe de ser as lojas chinesas que temos em Portugal e que associamos a menor qualidade. A China é muito diferente do que nós poderemos, à distância, prever e imaginar. É, pelo menos, muito diferente do que eu pensava ser, no início desta aventura. Xangai por exemplo, o centro desta aventura, é uma mega-metrópole com o dobro dos habitantes de Portugal. Uma cidade que, há apenas 30 anos, tinha campos de cultivo onde hoje tem vários dos mais altos edifícios do mundo, naquele que é o centro económico da China. Tal crescimento, ocorrido no espaço temporal de uma geração, nunca antes havia sido registado. Três gerações são o tempo normal necessário ao crescimento que observamos em Xangai.

No espaço de mais uma geração, a partir de agora, o mundo será muito diferente do que conhecemos hoje. Num relatório da Goldman Sachs*, de 2007, em 2050 a previsão de *ranking* do PIB nominal – embora tal não represente ainda equivalentes níveis de qualidade de vida, que são expressos através do PIB *per capita* - apresenta uma China largamente destacada face aos Estados Unidos, que estarão acompanhados da Índia no segundo posto. Todos os outros países aparecem apenas numa outra escala, esmagados pelos anteriores. Emergem países como Brasil, Rússia, México, Indonésia e vários outros países asiáticos – todos de enormes índices populacionais –, alcançando as actuais potências europeias e o Japão, que perdem poder relativo confinados na sua dimensão territorial e geográfica. A balança de exportações, e a dimensão populacional associada a movimentos migratórios, estará necessariamente no centro desta revolução económica global.

A questão é que a China consegue aliar todo este desenvolvimento com uma carga histórica imensa, talhada na autonomia que quase sempre teve que revelar face ao exterior. A China não está habituada a depender de outros países, e os chineses fazem



a sua vida sem recurso a crédito e sem depender de terceiros. Produzem tudo. Isto traz-nos a questão central: como entrar neste mercado? Certamente com algo que seja diferenciado e minimamente inovador. Sem isso, nada feito. Contudo, tal é insuficiente.

E é este o desafio que nos leva de volta ao início do presente texto, e à diferença de mundos que pretendo colocar como foco desta conversa.

Antes de mais, é absolutamente imperativo perceber, aceitar e respeitar as singularidades culturais locais, muito apoiada nos valores dos três pilares filosóficos que suportam a sociedade chinesa – Taoísmo, Budismo e Confucionismo. Há que aceitar um recuo à pré-alfabetização e reconhecer que percebemos muito pouco do que nos envolve, tentando controlar o desespero inicial de não conseguir comunicar. Alguns, organizados e altamente controlados emocionalmente, reúnem-se em comunidades. É o caso da Alemanha, o mais respeitado país na China, que possui um Centro Alemão onde todas as empresas germânicas unem esforços e aproveitam sinergias num contexto adverso.

São pouquíssimas, quase inexistentes, as empresas portuguesas na China, e mais uma vez a **dst** é vanguardista neste contexto. Mas Portugal é um dos países mais antigos do mundo, dos mais corajosos também. Olhamos para trás e não imaginamos como novamente alcançar feitos de antepassados que há 500 anos descobriram novos mundos. Há que, pelo menos, recorrer à mesma coragem, e à inigualável maneira que temos de nos adaptar. O mundo é a nossa casa. Nós somos o tal país que se dá bem com todos os outros, o mesmo que manteve relações de amizade e fraternidade com as suas ex-colónias, em quase todos os continentes. Somos responsáveis por culturas miscigenadas. Fomos os primeiros a ter relações pacíficas com a China. Os japoneses dizem *arigato* (obrigado) por nossa causa – e que boa palavra para partilhar. Somos, independentemente da dimensão física do nosso país, a 6ª língua mais falada em todo o mundo. Para acabar, somos resilientes, somos mesmo uns chatos duns resilientes (ndr. resiliência: capacidade do indivíduo lidar com problemas, superar obstáculos, ou resistir à pressão de situações adversas sem entrar em surto psicológico). Acho até que devemos ser caso de estudo por isso mesmo.

Honrar a História de quase 900 anos que transportamos connosco deverá ser, especialmente nos momentos mais adversos, uma missão de todos e de cada um. É por isso que acredito que estaremos à altura de qualquer desafio, onde quer que se coloque ele, capazes de agarrar as inúmeras oportunidades que teremos pela frente. Num momento em que a crise é avassaladora, e constitui tema central na Europa da

actualidade, e com particular incidência em Portugal, este é um local onde apenas se veicula a palavra prosperidade.

Porém, a China é uma realidade extremamente complexa, a língua parece-nos impossível, e os procedimentos cheios de contradições aos nossos olhos. Temos portanto que nos adaptar com a experiência, e evoluir numa realidade que é, para nós, tudo menos linear. Adquirir alguma flexibilidade, e tentar filtrar a nossa perspectiva pela objectiva local, de modo a não tentar impor unicamente a nossa visão. Caso contrário, o resultado por parte dos nossos interlocutores pode ser um aceno afirmativo, que não representará mais que um rotundo e definitivo não. Há que tentar perceber as imensas sensibilidades da cultura chinesa. Nunca perder a face – *Mianzi* – uma diferente noção de honra/carácter –, e nunca fazer ninguém perder a sua, o que pode acontecer por pequenas coisas, insignificantes para nós e por isso involuntárias.

Mas o ponto central é mesmo cultivar o *Guanxi*, a relação social. Nos negócios é o mesmo que confiança. Esta relação fomenta-se para além do trabalho e é a alma do negócio. Substitui o *marketing*, tal como o conhecemos e utilizamos. Por norma, os ocidentais estão focados em vender um produto, ao invés, os chineses procuram angariar um cliente para o futuro com este tipo de relacionamento. O parceiro passa a ser um amigo, enquanto a hostilidade negocial é muito mal vista e, por isso, insequente. Neste cenário, os contratos que no ocidente são nucleares, adquirem aqui uma importância relativa. É muito mais seguro negociar com confiança. Empresas ocidentais demoram largos anos a perceber esta lógica e a efectuar negócios na China. Há todo um conjunto de rituais cerimoniais, nos quais o conceito de *Guanxi* é foco central. A persistência e a paciência adquirem assim um relevo particularmente especial.

Hoje, terminada a EXPO, fica um certo vazio, deixado em aberto pela experiência única de participação num evento desta natureza e dimensão, e pelo contacto com os visitantes. A **ttt** foi reconhecida por imprensa, visitantes e organização, pela sua elevada qualidade e contributo para o sucesso da exposição. No futuro, um modelo à escala 1/3 da torre turística transportável ficará patente no museu permanente das Expos, a ser construído em Xangai. Fica, no final de uma participação que levou uma média diária de 2000 pessoas a visitar a **ttt**, várias comitivas oficiais nacionais e muitas outras comitivas chinesas, a convicção de dever cumprido, pela **dst**, enquanto designio de representação nacional ao mais alto nível.

Simultaneamente, abrem-se agora as portas de um novo mundo. . . made in China. ■

*Goldman Sachs Economic Research: The N11: More than an Acronym; in Global Economics Paper No: 153, 28 de Março de 2007 [<http://www.chicagobooth.edu/alumni/clubs/pakistan/docs/next11dream-march%20'07-goldmansachs.pdf>]

trabalho

IMATERIAL

por Carla Cunha

Nas sociedades contemporâneas, o mundo do trabalho está a sofrer grandes transformações, que passam sobretudo pela hegemonia do trabalho imaterial. Este conceito traduz-se num trabalho que produz produtos imateriais, tais como a informação, o conhecimento, ideias, imagens, relacionamentos e afectos; numa linguagem mais coloquial, pode-se dizer que é um tipo de trabalho que não se vê, é sobretudo, um trabalho mais intelectual e muito baseado na subjectividade.

O tema do trabalho imaterial tem como base fundamental as transformações do capitalismo, onde se encaixam novos modos de trabalho, de subjectivação e de construção de estilos de vida, articulando com as categorias espaço-temporais. Com efeito o capitalismo pressupõe novas formas de trabalho, maior flexibilidade, descentralização, presença massiva de novas tecnologias de informação e de comunicação, originando assim, um controlo cada vez maior da força de trabalho.

A globalização implica uma conexão ao mundo, todo ele ligado num espaço e tempo muito diferentes de algumas décadas atrás, assim a informação e comunicação é feito no tempo e espaço real e desejado, não impedindo que o trabalho seja executado devido à distância (espaço), ou ao tempo (fusos horários); é o imperativo da velocidade, típica das sociedades contemporâneas, e onde está implícita a ideia de mobilidade. A mobilidade associa-se a estas ideias de velocidade, bem como a internet e os meios de comunicação.

Há contudo movimentos contestatários a esta velocidade e a este ritmo, e que procuram uma desaceleração dos mesmos, dando aso a debates pertinentes que questionam as alternativas a este processo, como o separar o tempo de trabalho e de lazer, uma vez que o trabalho imaterial se confunde muitas vezes com a vida pessoal, uma vez que ele é levado e misturado com a mesma. O capital teima em apropriar-se do tempo pessoal com o trabalho imaterial. Isto é motivo de reflexão.

Os limites espaço-tempo, trabalho e não trabalho não estão definidos, a era moderna é líquida, fluida, tal como a caracteriza Zygmunt Bauman, sociólogo polaco. A fluidez não permite fixar o espaço nem o tempo, tudo é mobilidade, leveza, inconstância e rapidez de movimentos, assim a mobilidade é exigida aos trabalhadores, quer seja ou não corpórea, associando-se à lógica da velocidade. Vários são os autores a debruçarem-se sobre este tema, Deleuze refere, “nesse sentido, a experimentação

espaço-temporal não pode ser pensada de forma linear, homogénea, nem cumulativa”. Pelbart diz que o tempo é uma multiplicidade, emaranhado, fluxo, rio, labirinto, turbilhão, “já não há uma ordem do tempo, uma variação infinita, nem mesmo uma forma de tempo, mas um tempo informal, plástico”. Perante esta realidade é solicitado, ou mesmo exigido o ajuste por parte dos trabalhadores a esta realidade, onde o trabalho imaterial é um facto ao qual não podem escapar.

Outro responsável por esta forma de trabalho, é o fenómeno da desterritorialização, em que a tecnologia é a grande responsável, dado o seu alcance, quer em relação ao tempo (velocidade), quer ao espaço (extra-fronteiras). A ciência e a técnica sendo material estão ao serviço de todas as esferas produtivas. Nesta lógica a realidade do trabalho imaterial é incontornável, não podendo imaginar uma outra forma de o fazer, nesta fluidez comunicacional e de informação, o mundo e os homens que nele vivem e trabalham têm assim que se ajustar a ele. Este não é só intelectual, ele tem também uma lógica de relação social, de fluxo contínuo, onde o espaço e o tempo não têm a mesma regularidade. É neste também que se encontram possibilidades políticas de resistência, de libertação e de autonomia, de inovação e de invenção. Autores como Manuel Castells corroboram esta ideia de trabalho imaterial e do capitalismo associado a ele.

Atendendo a estes conceitos, põe-se a questão da resistência que é inerente ao ser humano perante situações de mudança e adaptação à novidade. Ora ela é uma constante e vai-se verificando e observando através das afectividades produtivas contra o padrão, de reprodução social, contra valores e sistemas que fecham a experiência e a linguagem na repetição e os empurram para a ausência de sentido. Esta é dura, mas também criativa.

A criatividade pressupõe criação, inovação, devir, mudança. De facto, o ideal hoje é ser o mais leve, ter mobilidade, ser “enxuto”, ter conexões úteis, muita informação, como forma de responder as solicitações da vida e trabalho actuais. Este é o modo conexas do capitalismo contemporâneo e do trabalho imaterial, onde é pedido às pessoas que sejam sujeitos do trabalho. O que mudou efectivamente foram as relações estabelecidas entre capital e trabalho. ■



teamwork

por David Azevedo

Olá a todos.

Desde que me tornei, com muito orgulho, um membro da família **dst**, todos os dias tenho novos desafios e novas propostas.

“Já pensaste em escrever um artigo para a Newsletter!?”

Foi assim que me surgiu mais um, e apesar de ser apanhado de surpresa, sim aceitei o convite e com muito orgulho. Mas, o que vou eu escrever!? O que vou dizer!? Então que assim seja, vamos falar de “TeamWork”.

Baseado na minha experiência e conhecimento vejo o trabalho em equipa como uma estratégia para o sucesso seja ela no trabalho, em casa ou até com os amigos. Para que este dê frutos, para além do conhecimento, é importante haver formação, experiência, acompanhamento, estratégia e motivação. Só que nem sempre é fácil trabalhar em equipa, conflitos de opiniões pessimismo ou a incapacidade de partilhar ideias diminuem o desempenho.

Trabalhar em equipa, tal como tudo, tem as suas vantagens e desvantagens.

As vantagens são muitas, mas, uma má escolha, uma má estratégia pode dar prejuízo.

Antes de avançar, os responsáveis devem ponderar se determinado projecto necessita realmente de trabalho em equipa e questionar se é mesmo necessário porque nem sempre poderá ser a solução para todos os problemas.

Em “TeamWork” os membros da equipa devem desempenhar o papel de líder de forma igual, ouvirem e respeitarem-se mutuamente. O choque de personalidades e a procura de liderança pode sempre resultar em conflitos.

Os objectivos têm que ser bem claros e simplificados para que todos o compreendam, referindo sempre os benefícios que o grupo irá ter em caso de êxito. Motivação, auto-confiança e auto-estima para respeitar todos os outros colegas para que mantenham sempre pensamento positivo entre eles. Basta que um dos elementos seja pessimista para que comecem a surgir dúvidas e o trabalho comece a correr riscos.

Atribuir as tarefas consoante as capacidades e criar equipas apenas com os elementos necessários, para não provocar dispersão e distração o que resulta em perda de tempo.

Uma boa equipa é importante para encontrar soluções de velhos e antecipar novos problemas. Possibilitar também a troca e experiência dos elementos em novos trabalhos, irá originar maior rapidez na concretização o que dá maior produtividade.

Para que o sucesso seja possível e cada vez mais as equipas de trabalho consigam atingir os seus objectivos precisam de uma motivação, motivação essa que não prejudique trabalhadores nem a empresa.

Encarar o trabalho em equipa é algo que nos permite trocar ideias, enriquecer o conhecimento e ajuda a crescer muito não só profissionalmente mas também como pessoa.

Mas, estamos nós cada vez mais bem preparados e motivados para trabalhar em equipa?

Obrigado!■



MARATHON 2500 Anos de Vida...

por Emanuel Matos

A origem da Maratona remonta ao ano 490 A.C., na antiga Grécia.

Conta a lenda que, a determinada altura, os soldados de Atenas saíram para a planície de Maratona com o objectivo de travar uma batalha sangrenta contra os persas. Estes últimos tinham garantido que, caso ganhassem o combate, avançariam sobre Atenas para praticar actos de violência sobre as mulheres e os filhos dos atenienses.

Quando se aperceberam das intenções dos persas, os gregos ordenaram às suas mulheres, caso não recebessem a notícia da sua vitória no prazo de 24 horas, para matarem os seus filhos e se suicidarem de seguida.

A luta entre os dois povos acabou por demorar um pouco mais de tempo do que aquele que foi inicialmente previsto, mas os gregos saíram vitoriosos. Contudo, tiveram receio que as suas mulheres estivessem a postos de executar as ordens que lhes haviam sido dadas. Seria necessário que Philipides, mensageiro profissional e o melhor corredor de entre os soldados gregos, partisse imediatamente para levar a notícia da vitória, percorrendo os cerca de quarenta quilómetros que separavam as tropas na planície de Maratona da cidade de Atenas. Philipides, sabendo o que estava em jogo, correu o mais depressa que conseguiu mas, quando chegou ao seu destino, depois de proclamar "Vencemos", caiu morto no final da corrida histórica.

Heródoto, 50 anos após este acontecimento, escreveu que Philipides teria sido enviado de Atenas a Esparta, antes da batalha, para pedir ajuda. Teve de correr 240 quilómetros em dois dias, daí se explicando o extremo cansaço físico que o acometia e que ditou a fatalidade da sua morte.

Foi em 1896, quando a Grécia recebia os primeiros Jogos Olímpicos da Era Moderna, que a lenda de Philipides foi reavivada com uma corrida de 40 quilómetros desde a ponte de Maratona até ao Estádio Olímpico de Atenas.

Ao que tudo indica, em 1948, para que a família real britânica pudesse assistir à prova do jardim do Palácio de Windsor, a distância da Maratona foi fixada em 42.195 metros, perdurando até aos nossos dias.

Pequenas Curiosidades:

Actualmente, o recorde mundial pertence ao queniano Haile Gebrselassie, tendo estabelecido o tempo de 2 horas 3 minutos e 59 segundos, no dia 28 de Setembro de 2008, em Berlim. Anteriormente, o recorde mundial da maratona já tinha sido quebrado por Carlos Lopes, em 1985, em Roterdão, tendo sido fixado o tempo em 2 horas 7 minutos e 12 segundos.

A maratona feminina foi introduzida em 1984, nos Jogos Olímpicos de Los Angeles, tendo a atleta portuguesa Rosa Mota ganho a Medalha de bronze. Quatro anos depois, nos jogos Olímpicos de Seul, arrecadou a medalha de ouro.

Na edição de Estocolmo, em 1912, o português Francisco Lázaro morreu durante a prova.

A MINHA PRIMEIRA MARATONA, um dia de contrastes

Foi no passado dia 7 de Novembro, 2500 anos após a corrida de Philipides, que decidi concretizar o sonho de concluir uma maratona. Foi na fantástica cidade do Porto, na 7.ª edição da Maratona do Porto, que realizei este sonho ao efectuar a prova com um

tempo de 3h 24m 13s, tempo este que me proporcionou o 338.º na classificação geral, entre 1180 atletas que terminaram a prova.

Poderia ter sido melhor, pois os últimos 8 quilómetros foram realizados já sob sofrimento devido ao ritmo que até aí tinha imprimido. Mas correr é isto mesmo... Saber gerir o ritmo é algo que vamos aprendendo a cada quilómetro, a cada prova. Mesmo assim fiquei feliz por ter terminado num tempo que considero aceitável.

Ao mesmo tempo, do outro lado do Oceano, vem a triste notícia que Haile Gebrselassie, aos 37 anos, o recordista do mundo na distância e o melhor fundista de todos os tempos, desistiu na Maratona de Nova York ao quilómetro 25, prova na qual se estreava. Homem de grande simplicidade e humildade, após a desistência Haile anunciou o final da sua carreira com estas palavras:

"Nunca pensei em abandonar, mas pela primeira vez, hoje é esse dia. Não discuti o assunto com ninguém, nem com o meu empresário, só comigo. É altura de deixar os jovens atletas correrem agora. Não quero voltar a queixar-me a partir de agora".

Com este artigo, espero despertar em algum leitor o fascínio de correr uma Maratona, como a mim me fascinou um idêntico que li há alguns anos atrás.

Pratiquem desporto, serão mais felizes. ■



LIDERANÇA

por Raquel Sousa



Segundo Peter Drucker (*in* Donnelly, Gibson, Ivancevich, 2000), liderar é trabalhar, e não são somente boas palavras que fazem um líder. Este deve ter a capacidade de persuadir os outros indivíduos para que os objectivos de cada um sejam concretizados. O líder vê a liderança como uma componente de gestão, e “é o factor humano de união do grupo e que o motiva a atingir os seus objectivos” (Drucker (2000) *in* Donnelly, Gibson, Ivancevich, 2000: 337:338).

Uma das funções mais importantes de um líder é transmitir e inculcar confiança nos restantes indivíduos. Um líder tem de ter o papel de um treinador (*coach*) e o seu objectivo é trabalhar junto dos seus subordinados para que os comportamentos sejam moldados de acordo com um bom desempenho. Um líder deve ser eficaz, criativo, possuir um carácter pedagógico, paciente, autodisciplinado e com capacidade de resolução de problemas e apresentação de soluções (Donnelly, Gibson, Ivancevich, 2000: 345).

Mas um líder, para além das características enunciadas anteriormente, deve ser influenciado ou inspirado para que, desta forma, possa influenciar a tomada de decisões. Os líderes têm de ser considerados acessíveis, equitativos e atenciosos e não devem usar o seu poder para influenciar os outros indivíduos através do medo ou formas de coerção. Devem, acima de tudo, partilhar a sua influência aos seus subordinados/seguidores para uma melhor interacção entre eles, demonstrando o seu modo de ser e de actuar, melhorando o desempenho na gestão organizacional.

No início do séc. XX, várias investigações que estudaram a liderança iam no sentido de que os traços mais desejáveis que um líder deveria possuir centravam-se na força de vontade e iniciativa, motivação e desejo de influenciar os outros, com integridade, decisão, auto-confiança e inteligente, de forma a ter competência verbal e matemática, com capacidade de processar informação complexa, conhecimentos e competências sólidas do cargo a exercer, bem como do sector de actividade que lhe estaria obviamente destinado (Donnelly, Gibson, Ivancevich, 2000: 340:343: 345).

A liderança no grupo **dst**

Analisando entrevistas feitas ao Presidente do grupo **dst**, José Teixeira, no campo da construção civil, este, provoca os parceiros de negócios no mercado a juntar sinergias para concorrer a obras de grande valor e porte, diversifica o ramo apostando em empresas de águas e energia e comunicações, desviando do *core*, promove prémios literários, apoia o teatro e as literaturas. Desta forma, podemos afirmar que exerce um poder legítimo e de referência no contexto organizacional. Como o próprio explica, “uma cultura transversal ajuda a administrar o poder e gerar negócios” (Exame, Revista 294, Outubro 2008, pp. 58-60).

Liderança e Responsabilidade Social

Para que uma organização se intitule criativa, tem que ser empreendedora. O empreendedor social é o indivíduo e têm em conta os problemas sociais que afectam a comunidade em que se insere (Zóximo, 2009).

O líder que é empreendedor social é extremamente eficiente em definir e comunicar “uma ambiciosa missão para o seu empreendimento social, mobilizando todos os

recursos humanos disponíveis em volta da mesma (Thompson et al, 2000 *in* Zóximo, 2009: 237). Incentivam, ainda, os seus colaboradores a pensarem na busca de melhores soluções para a execução dos seus projectos (Ledbeater, 1997 *in* Zóximo, 2009).

Os autores Sawmy R. (1990 *in* Zóximo, 2009) e Prabhu G. (1999 *in* Zóximo, 2009) apontam algumas das características de empreendedores bem sucedidos: Swamyin (1990) destaca a “sensibilidade para os problemas alheios, a capacidade de perseverança, (...) capacidade de delegar e confiar nos outros”; Prabhu (1999) realça a capacidade de ampliar a sua rede e de flexibilidade pessoal, assumindo uma grande diversidade de papéis dentro da organização.

Segundo Gostik e Elton (2008, *in* Pessôa, 2009) é necessário existir um líder para o estabelecimento de uma política de reconhecimento do trabalho realizado. A autora Nathalia Pessôa (2009) destaca a comunicação interna como um instrumento de liderança na motivação dos colaboradores. Os colaboradores motivados estarão, segundo a autora, mais disponíveis para participar em acções internas e logo, uma maior disposição para a participação em acções socialmente responsáveis.

“Um bom líder é alguém que utiliza o seu estatuto no sentido de obter a colaboração, mais, o empenho da equipa para alcançar os objectivos estabelecidos. Para além de ter clara a estratégia da organização, um bom líder consegue comunicá-la convincentemente e “ganhar” os *stakeholders* para a sua execução. Liderar é saber decidir, é saber arbitrar, é ser um bom gestor de recursos humanos, é ter impacte na organização, é conseguir que a orquestra toque em uníssono. (...) O sentimento de pertença, de proximidade, é muito importante nas organizações e a distância do líder é penalizada” (Fernandes, 2008:52).

A responsabilidade social no grupo **dst**

Para o Eng. José Teixeira, na sua entrevista à Revista Construir, é fundamental apostar no mecenato social. Para o Presidente do grupo **dst**, o país tem que apostar em formação, para gerar cultura, para se tornar num país competitivo. Na mesma entrevista, José Teixeira afirma que o grupo tem uma política de responsabilidade social baseada em estratégias de sustentabilidade que contemplam a preocupação com o bem-estar colectivo e com os efeitos sociais e ambientais da sua actividade.

Desde 2007 a 2010, o grupo **dst** foi considerado como uma das melhores empresas para trabalhar em Portugal na área da construção civil. (Exame, Revista 298, Fevereiro 2009: 46; Exame, Revista 310, Fevereiro 2010, pp. 49).

A cultura do grupo **dst** possui uma base sólida e forte, que tem crescido ao longo dos anos. É baseada nas elevadas oportunidades de formação às equipas jovens que a compõem, ajudando a formar cerca de 350 colaboradores no Programa Novas Oportunidades, com uma forte aposta na escola interna de formação. ■

Este artigo foi realizado com base num trabalho “criatividade e inovação – o caso **dst**” realizado por Anabela Brás, Joana Salgado, Raquel Sousa e Raquel Valente, no âmbito do Mestrado em Sociologia – especialização Organização e Trabalho para a Unidade Curricular Liderança e Motivação da Universidade do Minho no ano lectivo 2009/2010.



Numa altura em que se banalizaram alguns conceitos, outrora esquecidos ou até desconhecidos, como por exemplo o de Estado Social, défice e dívida pública e ao mesmo tempo se fala da crise instalada nos mercados Europeus e Mundial, em que é imperativo que cada Estado desenvolva estratégias internas que lhes permita salvar a sua subsistência económica e consequentemente garantir o funcionamento do seu próprio Estado Social, não posso deixar de expressar a minha opinião pessoal, relativamente àquilo que considero agravar ainda mais o grande 'buraco' em que nos encontramos e que, pelos vistos, só recentemente a maioria das pessoas se apercebeu da sua real dimensão.

Fala-se em investimentos públicos para ajudar as empresas, para dinamizar a economia e para modernizar as nossas instalações, mas na realidade, o que efectivamente se passa é que estamos a ajudar empresas estrangeiras e a canalizar os investimentos para os mercados que não são nossos, estamos a dinamizar uma economia que não é a nossa e estamos a modernizar instalações com soluções, para as quais não temos dinheiro, mas que, infelizmente, teremos de pagar.

Senão vejamos: os grandes investimentos são realizados por empresas ou Consórcios com empresas estrangeiras. Vamos comprar o gesso cartonado aos Alemães, os equipamentos de AVAC e iluminação aos Franceses, os isolamentos térmicos aos Espanhóis e tudo isto porque nós pouco ou nada produzimos e ninguém está interessado em produzir, ou pelo menos a obrigar a que se produza. O que nos vale são as carpintarias que compramos à **tmodular** e as estruturas metálicas à **bysteel**...

Se não produzimos tectos perfurados que se apliquem lisos.

Se quisermos perfurados que nos obriguem a fazê-los.

Se não tivermos dinheiro para um videoprojector de 2000€, que se comprem de 500€ ou então quadros e giz.

Gostaria de ver políticas que incentivassem a nossa capacidade produtiva, a nossa indústria, os nossos inúmeros recursos e, consequentemente, as nossas exportações. Gostaria que fossem tomadas medidas que restringissem as nossas importações e promovessem o consumo de produtos produzidos internamente.

Gostaria que houvesse empresas como a Parque Escolar que exigissem aos Projectistas que especificassem produtos nacionais.

Gostaria de poder pensar que daqui a alguns anos isto que hoje me parece uma utopia pudesse ser uma realidade.

Claro que o leitor está a pensar, meu caro, é a lei do mercado. Temos todos esses produtos mais baratos lá fora (ou simplesmente, temos estes produtos apenas lá fora!). Pois bem, então o problema tem de ser resolvido a montante. E aí recai, mais uma vez, o papel do Governo, precisamos de apoiar o desenvolvimento, a investigação, as indústrias produtivas a melhorarem os seus rácios de eficiência e competitividade. Não nos podemos conformar ao simples facto de que só temos estes produtos lá fora, ou que lá se produz mais barato. Temos de apostar nas nossas maiores-valias, aquilo que nos distingue dos demais, e colocar esses produtos no mercado, com a convicção de quem sabe que tem uma vantagem competitiva. Se não conseguirmos fazer isso, então temos simplesmente que mudar o tipo de exigências em Cadernos de Encargos, para o que realmente conseguimos produzir!

Mas que se desfaça a falácia de que os investimento públicos melhoram a nossa economia, por si só. Os investimentos públicos podem, efectivamente, melhorar a nossa economia, se forem realizados em moldes completamente diferentes dos que se fazem no nosso país. Em vez disso, e com o intuito de diminuir a taxa de desemprego, permito-me a sugestão de uma alternativa: alimentar as pequenas e médias empresas deste país que dão realmente emprego aos portugueses, investindo-se o mesmo dinheiro de um troço de TGV em vários pequenos investimentos de recuperação de edifícios nos centros das cidades, com a vantagem de melhorar a imagem das nossas cidades para o turista estrangeiro e para nós próprios, porque não.

Para terminar, considero que o mais assustador de tudo isto, não é o facto de as coisas serem mal feitas, mas sim termos a consciência de que estão mal e conformarmo-nos com essa situação. Portugal tem um problema que vai muito além de um défice por resolver. Portugal tem um problema cultural de conformismo e de oportunismo que demora muito mais tempo a resolver.

Acho que temos a responsabilidade social, dentro das nossas competências e esferas de acção, de tentar inverter esta situação que em nada prospera o nosso futuro. ■

fui, sou, serei...

por Luís Almeida

Não vai longe o tempo em que iniciei a minha viagem. Sempre me identifiquei como uma LOCOMOTIVA, transporte esse que andava a carvão e que percorria alguns caminhos, sempre com o mesmo e único intuito, chegar mais longe.

Tal como os mecanismos de outros tempos, queimava muitas energias e dissipava uma boa parte desta, em coisas de menor interesse. Após algum tempo, resolvi mudar de carril e entrar num novo rumo, passei a fazer parte dessa grande empresa a que um dia deram o nome de “Cari”.

Troquei de carril, coloquei novas carruagens para poder albergar toda a informação que ia emergir, renovei toda a minha linha e fiquei apenas com as mais importantes das paragens que tinha até ali. À partida a mudança parecia vantajosa, outra forma de abordar o dia a dia, outro espírito, uma visão mais ampla, uma maior ambição e promessas... Mas não, tudo sombreou passado algum tempo, fiquei com a sensação de ter gasto o último euro numa cautela sem prémio, foi apenas um susto. O prémio afinal estava ali, foi difícil de conseguir, mas sim, finalmente foi um dado adquirido. A “Cari” era absorvida por uma Nação de três letras apenas no nome, mas

imponente, a “dst”.

Agora sim, todo o investimento que tinha feito não chegava. Adquiri carruagens maiores para guardar a Lealdade, o Rigor, a Coragem, o Bom gosto, a Solidariedade, a Paixão, o Respeito e a Ambição. Sinto-me agora, não uma locomotiva, mas sim um ALFA PENDULAR que anda a grande velocidade, percorre novos trilhos, cruza com outras linhas e com um novo intuito, chegar mais longe, mais depressa e mais perfeito! Sinto-me um colaborador especial, cresço a cada dia que passa, aumento a quantidade e qualidade do meu conhecimento, absorvo novas ideias, cruzo-me com grandes mentes e num espaço tão pequeno, tão vasto e denso como este da nossa empresa.

A energia que outrora desperdiçava, utilizo agora para potenciar o meu querer, a minha vontade e preconizar as minhas ideias.

É com estes valores que me hei-de tornar naquilo que quero ser um TGV.

Bem-haja “dst”. ■



Correr

por Ricardo Baleia

anima o espírito e a mente

Com base nesta ideia sugiro a todos que experimentem a sensação de começar a correr. Hoje em dia o mundo de trabalho é cada vez mais exigente, obrigando as pessoas a serem cada dia mais produtivas e a tomarem melhores decisões. Para isso é necessário sentirem-se bem consigo próprias para depois poderem transmitir esse bem-estar aos outros. Para correr não é necessário ter 10 corredores para formar duas equipas, não é necessário ser de dia, não é necessário estar bom tempo, não é necessário estar inscrito num ginásio, não é necessário estar em excelente forma, basta ter vontade de calçar as sapatilhas e sair para correr.

Estou longe de ser profissional, no entanto dou os seguintes conselhos para que possam desfrutar ao máximo do prazer de correr:

- Comecem por comprar umas sapatilhas adequadas. É o equipamento mais importante. Podem correr com uma t-shirt que não evapora a transpiração, podem correr com uns calções que não se adaptam à corrida mas a utilização de sapatilhas incorrectas pode causar o aparecimento de lesões. Para iniciar optem por sapatilhas com um elevado amortecimento.
- Escolham um percurso plano, com uma vista agradável, com corredores à vossa volta e bem sinalizado ao trânsito. Depois de algum treino variem o local de corrida.
- Antes e depois de correr é muito importante fazer cinco minutos de alongamentos.
- A alimentação e o repouso são essenciais para o equilíbrio do corpo. Bebam muita

água depois de concluído o treino. A transpiração sem a reposição de líquidos pode provocar desidratação.

- Perder peso não deve ser o principal objectivo. Sentirem-se bem será sempre a melhor forma de não perder motivação.

- Corram ao vosso ritmo. Correr em grupo pode ser mais estimulante. No entanto convém que o grupo seja homogéneo. Treinar com atletas com ritmos muito mais fortes pode fazer com que ultrapassem os limites de treino, perdendo motivação e fazendo o treino menos rentável.

- Depois da habituação ao treino comecem a saber a que velocidade correm. A unidade de min/Km é a unidade mais fácil de analisar os resultados. Sendo o ritmo 3min/km um tempo de profissional e 6 min / km um ritmo de lazer. Este conhecimento sobre o ritmo de treino aumenta o interesse da corrida.

- A leitura de revistas da especialidade e a consulta na Internet sobre mais informação é muito importante para o aperfeiçoamento dos treinos.

- Depois de alguns treinos inscrevam-se numa prova de multidões, como a meia maratona da ponte Vasco da Gama. Estas provas servem de estímulo ao treino. Fazem com que para as provas corram cada vez melhor, os treinos tenham que ser cada vez mais exigentes.

Muitos elementos da **dst** têm o hábito de correr. Para a corrida de Braga foram realizadas t-shirts de atletismo com a imagem da **dst** e a partir desse evento temos usado as t-shirts nas várias provas em que temos participado.

Só depois de experimentar correr é que vai perceber a motivação de levantar às 7:30h de Domingo, equipar-se a rigor com a camisola da **dst**, tomar o pequeno-almoço energético, ir de carro até Lisboa, apanhar o autocarro para o meio da ponte Vasco da Gama, esperar pelo tiro de partida, correr 8 km e chegar ao fim da prova com uma satisfação enorme, desejoso que chegue a próxima corrida. ■

Quem é quem



Nome: Heitor Maranhão

Cargo: Escriturário de 1.ª no departamento de contabilidade, *controlling* e consolidação da **dst**

Interesses: Gosto muito de ver jogar futebol e, talvez por já ter sido treinador de futebol de 11, meia volta sou convidado para orientar a equipa da **dst** em campeonatos de futsal. Gosto muito de viajar e ir de encontro ao desconhecido. A música portuguesa acompanha-me sempre e não dispenso 5 minutos de descanso e recolhimento no final de almoço. O convívio em família é também essencial pelo que vivo com muita alegria todos os momentos que passamos juntos.

Sugestões: Recomendo que a nível pessoal e profissional, sejam menos egoístas e mais humildes nas relações do dia-a-dia. Apelo ao convívio, especialmente ao que é feito em redor da mesa. Como gosto particularmente de bacalhau, sugiro uma visita ao restaurante "Amarense", em Amares. Gostava que houvesse mais programas, além do radical, em que os colaboradores da **dst** se pudessem juntar em momentos de convívio. Para tal, conto com a ajuda de todos para promover estas iniciativas.



Nome: Constantino Leite

Cargo: Director de produção **tmodular**

Interesses: Gosto de dedicar o pouco tempo que tenho disponível à família, particularmente aos meus netos.

Os meus interesses passam por ver um bom jogo de futebol, fazer de vez em quando um convívio com os amigos.

Dedico-me ainda a ajudar e a apoiar a minha freguesia, no que concerne às obras da igreja e às actividades que directamente estão relacionadas com a paróquia.

Sugestão: Nesta quadra natalícia sugiro que esqueçamos as futilidades, dando maior importância ao que realmente interessa, a solidariedade.



Nome: Pedro Miguel Fernandes

Cargo: Director de Recursos Humanos da **dst**

Interesses: A minha prioridade é a minha família, por conseguinte, o meu maior interesse passa por estabelecer uma relação equilibrada entre esta dimensão da minha vida com o trabalho. O tempo que sobra gosto de o investir em momentos que se traduzam em enriquecimento interno. Gosto de ouvir música, gosto de ler, gosto de viajar, gosto de arte, gosto de conhecer espaços novos, novas pessoas e outras civilizações.

Sugestão: Existe um adágio popular que diz qualquer coisa como "se olhas, vê. Se vês, repara." Portanto, a minha sugestão é que saiam do casulo. Sejam humildes no conhecimento. Visitem locais, exposições, concertos, amigos. Façam coisas novas, libertem amarras, vejam o côncavo e o convexo e, acima de tudo, comovam-se e espantem-se com o belo e com o genuíno. Assim um dia consigamos todos sair do casulo, passar a crisálida e acabar uma borboleta. Só temos que os descobrir e desfrutar das belas paisagens, um local onde se pode realmente descansar do stress diário.



Nome: Vítor Fernandes

Cargo: *controller* financeiro no departamento de planeamento estratégico da **investhome**

Interesses: Uma das melhores coisas que considero ter na vida é a oportunidade de estar com as pessoas de quem gosto... De preferência,

em frente a uma mesa cheia de boa comida portuguesa. Tenho também muito interesse por desporto... Pelo menos, tenho interesse em algum dia vir a praticar algum!

Sugestões: Tenho o prazer de participar, já há alguns anos, em diversas actividades de voluntariado...

A todos os que conheço recomendo sempre que passem por uma experiência dessas, é muito gratificante!

COOLTURA...

Natal é tempo de alegria, convívio mas sobretudo, de solidariedade. Das múltiplas sugestões que esta altura nos oferece, esqueça um pouco o consumismo desenfreado e aproveite para reflectir sobre o verdadeiro significado desta época.

Os '**Vanocni trh**' (ou 'Mercados de Natal') em **Praga**, República Checa, juntamente com a neve e os cânticos natalícios, são o refúgio perfeito para entrar no verdadeiro espírito acolhedor do Natal. Situado na Old Town Square, as opções de presentes são encantadoras e variam de jóias a velas e brinquedos para as crianças. Por cá, e depois das lotações esgotadas nos concertos do ano passado, os **Harlem Gospel Choir**, o mais conceituado grupo de Gospel dos Estados Unidos. Irão actuar no **Coliseu do Porto** a 21 de Dezembro, pelas 21.30 h. Se querem aproveitar para passar mais tempo com as crianças, o **Theatro Circo de Braga** apresenta, no dia 18 Dezembro pelas 10h, o espectáculo de Circo C.IA TOKPOTOK que conta a história de um dono de circo falido e as peripécias hilariantes que lá se desenrolam.

Ano novo, novas resoluções. Entre em 2011 com o pé direito e acompanhado de um bom livro: "**MYRA**", de Maria Velho da Costa – conta a história de uma menina russa, acabada de entrar na puberdade, que vive dias de angústia na Costa da Caparica. **Aproveite o ano novo para ver mais teatro, cinema e exposições.**

E se apesar da crise conseguiu amealhar alguns trocos, vá até Paris ver as iluminações de natal, claro está, numa companhia *low-cost*. ■

Cantinho do Riso

Um velhote com 90 anos fez o seu check-up anual e o médico disse-lhe:

- Amigo, para a sua idade, está numa forma que eu nunca vi!

O velhote respondeu:

- Sim. Porque sei levar uma vida cuidada, simples e espiritual!

- Que quer dizer com isso?

- Se não levasse uma vida cuidada e simples, Deus não me acendia a luz da casa de banho cada vez que me levanto a meio da noite!

O médico estranhou a resposta...

- Quer dizer que cada vez que se levanta a meio da noite para ir à casa de banho, é Deus quem lhe acende a luz!?

- Sim! Cada vez que vou à casa de banho durante a noite, Deus acende-me a luz!

O médico calou-se mas, quando foi a vez da esposa do velhote ir à consulta, sentiu a necessidade de a informar sobre o que o marido lhe tinha dito.

- Eu quero que saiba que, o seu marido está em óptima forma física mas estou preocupado com o estado mental dele! Ele disse-me que, todas as noites, quando vai à casa de banho, Deus acende-lhe a luz!!!

- Ele disse-lhe o quê???

- Ele disse-me que, todas as noites, quando se levanta para ir à casa de banho, Deus acende-lhe a luz...

- Ahhh!!! - Exclamou a velhota. Então é ele que tem andado a fazer xixi dentro do frigorífico...!

Dois GNR na berma de uma estrada no distrito de Beja vêem passar um carro a mais de 180km/h.

Diz um para o outro:

“Aquele não é o gajo a quem apreendemos a carta a semana passada por excesso de velocidade?”

“Era pois” - respondeu o colega. “Vamos caçá-lo!”

Uns Km mais adiante já com o carro parado, um dos GNR chega-se ao pé do condutor e pergunta-lhe:

“A sua carta de condução?”

“Mau!!” - responde o alentejano - “Perderam-na?!!”

Globalização

A noite passada um amigo meu estava deprimido e ligou para o SOS Voz

Amiga (800 20 26 69).

Foi atendido por um call center no Paquistão.

Disse-lhes que se queria suicidar.

Receberam a notícia com entusiasmo e perguntaram-lhe

se sabia conduzir um camião.

Uma vírgula muda tudo:

Virgula pode ser uma pausa... ou não.

Não, espere.

Não espere.

Ela pode desaparecer com o seu dinheiro.

23,4.

2,34.

Pode criar heróis...

Isso só, ele resolve.

Isso só ele resolve.

Ela pode ser a solução.

Vamos perder, nada foi resolvido.

Vamos perder nada, foi resolvido.

A vírgula muda uma opinião.

Não queremos saber.

Não, queremos saber.

A vírgula pode condenar ou salvar.

Não tenha clemência!

Não, tenha clemência!

Agora um teste:

Coloque a vírgula onde ache necessário.

SE O HOMEM SOUBESSE O VALOR QUE TEM A MULHER ANDARIA DE QUATRO À SUA PROCURA.

Se é mulher, certamente colocou a vírgula depois de MULHER...

Se é homem, colocou a vírgula depois de TEM...

Quando foi construído o primeiro edifício da história?

Não se conhece a data exacta do primeiro edifício da história, mas, desde as primeiras civilizações, há registos de grandes palácios, templos e construções. Sabe-se que os sumérios, que dominaram o sul da Mesopotâmia de 3.500 a 1.600 a.C., chegaram a ter cidades com mais de 30 mil habitantes, nas quais havia prédios repletos de colunas e terraços. Por causa da escassez de pedras, eles usaram uma argamassa de junco e barro, além de tijolos de barro secos ao sol. O maior dos prédios deste período, o Zigurate de Ur, tinha um pavimento superior com mais de 30 metros de altura. A civilização Minóica, que ocupou Creta por volta de 2.000 a.C., deixou vestígios de enormes palácios e edificações construídas antes de 1.750 a.C., quando uma grande catástrofe natural soterrou-as.

Como eram embalsamados os faraós?

Em primeiro lugar, eram retirados cérebro, intestinos e outros órgãos vitais. Nessas cavidades, colocavam-se resinas aromáticas e perfumes. Depois, os cortes eram fechados. Mergulhava-se, então, o cadáver num tanque com nitrato de potássio (salitre) para que a humidade do corpo fosse absorvida. Ele permanecia ali por setenta dias. Após esse período, o corpo era lavado e enrolado em ligaduras de algodão, com centenas de metros, embebidas em betume, uma substância pastosa. Só aí o morto ia para a tumba. Esse processo conservava o cadáver praticamente intacto por séculos. A múmia do faraó Ramsés II, que reinou no Egito entre 1304 e 1237 a.C., foi encontrada em 1881 apenas com a pele ressecada. Os cabelos e os dentes continuavam perfeitos.



ficha técnica:

edição: **dst**_domingos da silva teixeira, s.a.
redacção e grafismo: departamento de comunicação
margarida pereira, joão pedro sampaio
fotografia: hugo delgado
joão pedro sampaio, margarida pereira
periodicidade: trimestral
tiragem: 900 exemplares
depósito legal: 301 498/09
impressão: gráfica amares

dst_domingos da silva teixeira, s.a.
rua de pitancinhos apartado 208 palmeira
4711-911 braga portugal
tlf. 351 253 307 200/1 fax 351 253 307 210
www.dstsgps.com
alvará de construção civil n.º 2846

